



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA (PARNAÍBA)  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**LYANNA MAIRA FONTENELE DE OLIVEIRA**

**HISTÓRIAS DE RUTH ROCHA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO PROCESSO  
DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

**PARNAÍBA  
2025**

LYANNA MAIRA FONTENELE DE OLIVEIRA

**HISTÓRIAS DE RUTH ROCHA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO PROCESSO  
DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Monografia apresentada a banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de graduado(a) em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Fabrícia Pereira Teles.

PARNAÍBA

2025

# **HISTÓRIAS DE RUTH ROCHA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Monografia apresentada a banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de graduado(a) em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Fabrícia Pereira Teles.

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Fabrícia Pereira Teles - UESPI**  
Orientadora

---

**Prof. Dr. Francisco Afrânio Rodrigues Teles - UESPI**  
Examinador Interno

---

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Dalva de Araujo Menezes - UESPI**  
Examinador Externo

048h Oliveira, Lyanna Maira Fontenele de.

Histórias de Ruth Rocha como recurso pedagógico no processo de alfabetização e letramento / Lyanna Maira Fontenele de Oliveira.

- 2025.

60f.: il.

Monografia (graduação) - Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual do Piauí, 2025.

"Orientador: Profa. Dra. Fabrícia Pereira Teles".

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Literatura Infantil. I. Teles, Fabrícia Pereira . II. Título.

CDD 370

*Dedico este trabalho aos meus pais, que mesmo diante de muito sol, sempre me fizeram caminhar pela sombra, e à minha irmã por ser a personificação de força e coragem.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a São Francisco de Assis por serem fontes de amor, bondade, força e luz, e por me permitirem trilhar o meu caminho até aqui com perseverança, serenidade e sabedoria. Este trabalho é a concretização das bençãos de Deus na minha vida.

Agradeço imensamente aos meus pais, Adriana Veras Fontenele e Luciano Sousa de Oliveira, por seu amor e cuidado incondicional, pelo apoio incansável, por acreditarem em meus sonhos e não medirem esforços para torná-los em realidade.

Agradeço à minha irmã, Larissa Maria Fontenele de Oliveira, por todo seu apoio, incentivo, encorajamento, por sempre acreditar no meu potencial e por ser minha melhor amiga em todas as horas.

Agradeço à minha afilhada Helena Maria Fontenele Veras, luz da minha vida, meu bem mais precioso. Ela foi quem me deu coragem para vencer todos os desafios que se fizeram presentes durante a minha jornada acadêmica.

Agradeço ao meu companheiro Hudi Torres, por ser um grande parceiro nesse processo, me ajudando, incentivando, ouvindo e apoiando.

Agradeço à Professora Dra. Fabrícia Pereira Teles, por ter aceitado ser minha orientadora e por ter contribuído valiosamente em todo meu trabalho com suas orientações. Minha eterna gratidão por toda sua paciência, comprometimento e por ser uma inspiração para mim como professora e pesquisadora.

Agradeço à Universidade Estadual do Piauí – UESPI, por ser minha segunda casa durante esses quatro anos e meio, aos meus professores que marcaram a minha vida e contribuíram com a minha formação por meio do seu amor e dedicação pela educação, e ao curso de Pedagogia por me escolher e abrir tantas portas para mim durante a minha trajetória acadêmica.

Por fim, agradeço a todos aqueles que de alguma maneira contribuíram e torceram para a realização desse sonho, e que vibram junto comigo em todas as minhas conquistas.

*A arma social de luta mais poderosa é o domínio da linguagem.*

*Magda Soares*

## RESUMO

As histórias infantis desempenham um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem das crianças. Enquanto prática de mediação pedagógica, mostra-se essencial no que diz respeito a desenvolver a alfabetização e letramento, pois contribui significativamente para ampliação de vocabulário, imaginação, aquisição de habilidades leitoras e consequentemente para o interesse pela leitura e escrita. Por isso, o presente trabalho tem por objetivo geral, investigar o desenvolvimento do processo de alfabetização e letramento à luz das contribuições da literatura da escritora Ruth Rocha. Para tanto, foram determinados os seguintes objetivos específicos: a) conhecer a história da Literatura Infantil e sua relação nos processos de alfabetização e letramento; b) identificar como a contação de histórias atua no desenvolvimento cognitivo, social, cultural e emocional da criança; c) analisar o potencial das obras da escritora Ruth Rocha no processo de alfabetização e letramento. Teoricamente, nomes como Abramovich (1997), Cademartori (1986), Coelho (1980, 1991, 2000), Soares (2009, 2017, 2020), entre outros, fundamentaram este trabalho. Quanto a metodologia, o estudo trata-se de uma pesquisa de natureza explicativa com abordagem qualitativa. Em relação aos procedimentos, a pesquisa é bibliográfica e documental, no qual foram analisados três livros da escritora Ruth Rocha: “O menino que aprendeu a ver”, “Palavras, muitas palavras” e “Marcelo, marmelo, martelo”. Diante das análises, constatamos que as histórias analisadas de Ruth Rocha favorecem diretamente o desenvolvimento da linguagem ampliando vocabulário, compreensão da língua como prática social, bem como favorece o despertar pela leitura, além de contribuir também com as habilidades cognitivas, sociais, culturais e emocionais da criança.

**Palavras-chave:** alfabetização e letramento; literatura infantil; histórias infantis; obras de Ruth Rocha.

## ABSTRACT

Children's stories play a fundamental role in the teaching and learning process of children. As a practice of pedagogical interaction, it proves essential in developing alphabetization and literacy skills, as it significantly contributes to the expansion of vocabulary, imagination, acquisition of reading skills, and consequently to the interest in reading and writing. Therefore, the general objective of this work is to investigate the development of the alphabetization and literacy process in light of the contributions of the literature of the writer Ruth Rocha. To achieve this, the following specific objectives were determined: a) to understand the history of Children's Literature and its relationship with the processes of alphabetization and literacy; b) to identify how storytelling influences the cognitive, social, cultural, and emotional development of the child; c) to analyze the potential of the works of the writer Ruth Rocha in the process of alphabetization and literacy. Theoretically, names such as Abramovich (1997), Cademartori (1986), Coelho (1980, 1991, 2000), Soares (2009, 2017, 2020), among others, underpinned this work. Regarding the methodology, the study is an explanatory research with a qualitative approach. Regarding the procedures, the research is bibliographic and documentary, in which three books by the author Ruth Rocha were analyzed: "O menino que aprendeu a ver," "Palavras, muitas palavras" and "Marcelo, marmelo, martelo". Based on the analyzes, we found that the stories analyzed by Ruth Rocha directly promote language development by expanding vocabulary, understanding the language as a social practice, as well as fostering a love for reading, in addition to also contributing to the child's cognitive, social, cultural, and emotional skills.

**Keywords:** Children's literature; Children's stories; Alphabetization and literacy; Works by Ruth Rocha.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 01 – Foto da escritora Ruth Rocha.....	39
Figura 02 – Capa do livro “O menino que aprendeu a ver”.....	46
Figura 03 – Capa do livro “Palavras, muitas palavras”.....	48
Figura 04 – Capa do livro “Marcelo, marmelo, martelo” .....	50

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>SEÇÃO I – OS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A PESQUISA .....</b>	<b>15</b>
1.1 TIPO DE PESQUISA .....	15
1.2 PROCEDIMENTOS .....	16
1.3 PESQUISA DOCUMENTAL.....	17
1.4 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	18
<b>SEÇÃO II – ENTRE HISTÓRIAS, LETRAS E SENTIDOS: CAMINHOS TEÓRICOS .....</b>	<b>20</b>
2.1 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL .....	20
2.2 AS CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO .....	26
2.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UMA PONTE PARA A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	31
<b>SEÇÃO III – RUTH ROCHA: ENCANTOS DE UMA VIDA ENTRE HISTÓRIAS E NARRATIVAS POTENTES.....</b>	<b>39</b>
3.1 RUTH ROCHA E SUA LITERATURA FOCADA NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES LEITORAS.....	39
3.2 NARRATIVAS ENVOLVENTES QUE DESPERTAM O INTERESSE PELA LEITURA E PELOS MECANISMOS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO .....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

A Literatura Infantil aliada ao processo de ensino e aprendizagem, permite que a escola e os professores possam trabalhar de maneira amplamente significativa, instigando as crianças a descobrirem o que os livros oferecem e influenciando de maneira positiva o desenvolvimento da sua aprendizagem no contexto educacional, tendo em vista que, elas adoram ouvir e criar as suas próprias histórias, vivenciam momentos extraordinários da imaginação, como também passam a compreender melhor os seus sentimentos e o mundo ao seu redor.

É nesse sentido que as escolas, bem como os professores, buscam estar preparados para oferecer aos educandos novas metodologias de ensino que visem favorecer a prática pedagógica, e para além disso, que busquem proporcionar o entusiasmo dos alunos pelo conhecimento, e por meio das histórias infantis, a criança vivencia uma aprendizagem rica de significados sendo mais propícia para o desenvolvimento de habilidades durante o ciclo alfabetizador.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), em 2024, 59,2% das crianças das redes públicas de ensino foram alfabetizadas na idade certa, apresentando um significativo aumento percentual em relação ao ano de 2023, que era 56%. Para os próximos anos, a contar do presente ano de 2025, o MEC estabeleceu progressivas metas de alfabetização para os estudantes: alcançar o índice de 64% a 80% de crianças alfabetizadas em 2030.

É dentro dessa perspectiva que as histórias infantis como um recurso pedagógico trará o desenvolvimento pleno da criança, uma vez que, a Literatura Infantil tem a capacidade de trabalhar em todos os seus aspectos cognitivos, dentre eles o social, o cultural e o emocional, e a partir desse panorama, a alfabetização e o letramento começam a ser inseridos por meio do despertar da imaginação, da criatividade, da curiosidade, da comunicação e expressão, e consequentemente, esse será um meio de promover o aprimoramento de sua linguagem, da escrita, da oralidade, a construção de sua identidade enquanto ser crítico e reflexivo, além de estimular o interesse e gosto pela leitura, mostrando-se, assim, capaz de contribuir diretamente no avanço dos índices de crianças alfabetizadas dentro do ciclo alfabetizador.

Com isso, o interesse nesta pesquisa surgiu da necessidade de aprofundar os conhecimentos sobre a temática, que embora significante, ainda é pouco explorada

no âmbito da educação quando aliada ao ciclo alfabetizador. Além de que se faz necessário desmistificar a ideia de que o ato de contar histórias serve somente como um momento de distrair ou acalmar as crianças, evidenciando que tal prática traz bons resultados em relação ao processo de aprendizagem.

É importante ressaltar ainda, que o incentivo à escolha do tema a ser discorrido, vem de um grande significado relacionado a minha infância. Quando criança, o hábito de ler esteve presente durante toda a minha rotina, e este, perdurou-se pela vida adulta, atualmente, sendo repassado pelas gerações de minha família.

Sendo assim, de acordo com os dados coletados, a presente pesquisa teve o intuito de responder a seguinte pergunta: É possível encontrar nas histórias de livros infantis indícios que revelem a potencialidade de desenvolver a alfabetização e o letramento?

Para isso, a pesquisa teve como objetivo geral investigar o desenvolvimento do processo de alfabetização e letramento à luz das contribuições da literatura da escritora Ruth Rocha. Foram estabelecidos ainda os seguintes objetivos específicos: a) conhecer a história da Literatura Infantil e sua relação nos processos de alfabetização e letramento; b) identificar como a contação de histórias atuam no desenvolvimento cognitivo, social, cultural e emocional da criança; c) analisar o potencial de obras da escritora Ruth Rocha no processo de alfabetização e letramento.

Quanto à metodologia adotada para a investigação, esta pesquisa é de natureza explicativa com abordagem qualitativa na análise dos dados. Em relação aos procedimentos, a pesquisa é bibliográfica pois consistiu na realização de leitura de materiais relacionados a temática estudada, com o objetivo de melhor embasamento teórico do trabalho, e de base documental uma vez que, se dedicou em analisar três livros de Literatura Infantil da escritora Ruth Rocha como narrativas potentes para a alfabetização e letramento.

Para melhor entendimento do leitor, o presente trabalho está dividido em três seções: (I) apresenta o percurso metodológico utilizado na pesquisa; (II) mostra o referencial teórico que está dividido em três subitens, onde o primeiro foi destinado à um breve histórico da Literatura e Literatura Infantil, o segundo traz uma discussão sobre a alfabetização e letramento, e o terceiro subitem discute a contação de histórias como ponte para a alfabetização e o letramento; (III) dedica um olhar sobre a vida da

escritora Ruth Rocha, além de trazer suas narrativas potentes que atuam como mecanismo para a alfabetização e o letramento e despertam o interesse pela leitura.

Por fim, as considerações finais, trazendo os resultados e a contribuição desta pesquisa para fins acadêmicos e sociais.

## SEÇÃO I – OS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A PESQUISA

Nesta seção, serão apresentados os percursos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, quanto ao tipo de pesquisa, aos procedimentos, a seleção de documentos e a técnica de análise dos dados. Tem como base os estudiosos Appolinário (2009), Bardin (1977), Creswell (2007), Fonseca (2002), Gil (2002, 2008).

### 1.1 TIPO DE PESQUISA

De acordo com Chizzotti (1995, p.11), “a pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem”. Portanto, a pesquisa só poderá existir com o apoio de procedimentos metodológicos adequados que serão norteadores durante o estudo do objeto de pesquisa.

Diante disso, este estudo trata-se de uma pesquisa de natureza explicativa, uma vez que esta se caracteriza por identificar, compreender e explicar as relações de causa e efeito entre fenômenos ou variáveis. A pesquisa explicativa vai além da descrição ou exploração, tentando responder ao “porquê” dos acontecimentos. Esse tipo de pesquisa exige maior profundidade, sendo mais complexa e essencial para alcançar um conhecimento científico mais completo (Gil, 2002, p. 42).

A fim de obter uma compreensão mais ampla e reflexiva dos dados coletados, a abordagem utilizada foi a qualitativa, visto que é uma abordagem frequentemente aplicada para investigar percepções, comportamentos, relações e processo sociais, com foco em contexto e significados, trazendo dados ricos e detalhados de forma descriptiva.

Os procedimentos qualitativos apresentam um grande contraste com os métodos da pesquisa quantitativa. A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados. Embora os processos sejam similares, os procedimentos qualitativos se baseiam em dados de texto e imagem, têm passos únicos na análise de dados e usam estratégias diversas de investigação (Creswell, 2007, p. 184).

Ainda segundo Creswell (2007, p. 185) a abordagem qualitativa foca nos significados que as pessoas atribuem às suas experiências e como elas constroem essas significações em seus contextos de vida. Diante do exposto, ao investigar como

a contação de histórias contribui para a alfabetização e o letramento, tal abordagem pode explorar as percepções de professores bem como de alunos acerca da prática elencada.

## 1.2 PROCEDIMENTOS

A pesquisa foi realizada através de dois procedimentos. O primeiro, a pesquisa bibliográfica, em que consistiu na realização de leitura de livros, artigos, sites relacionados a temática estudada, com o objetivo de melhor o embasamento teórico do trabalho. Segundo Fonseca (2002):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

Dessa maneira, a pesquisa bibliográfica assume um fundamental papel no desenvolvimento da pesquisa, pois, permite aprofundamento e melhor compreensão do tema a ser investigado, além de que possibilita ao pesquisador analisar os principais textos que são indispensáveis ao objeto de estudo.

O segundo procedimento utilizado foi a pesquisa de cunho documental, uma vez que esta trata-se de analisar e interpretar dados e informações para que se possa obter conclusões fundamentadas de acordo com o problema de pesquisa. Para Gil (2002):

A pesquisa documental apresenta uma série de vantagens. Primeiramente, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica (Gil, 2002, p. 46).

Para tanto, Appolinário (2009, p. 67), amplia a definição de documento enquanto fonte de pesquisa como: “Qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova. Incluem-se nesse universo os impressos, os manuscritos, os registros audiovisuais e sonoros, as imagens, entre outros”.

Portanto, a pesquisa documental apresenta uma rica variedade de fontes de dados que podem ser utilizadas e que ainda não foram tratadas analiticamente. Conforme remete Fonseca (2002, p. 32): “[...] a pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, etc”.

Nesse sentido, para a realização desta pesquisa, com o objetivo de explorar a temática de contação de histórias como recurso pedagógico no processo de alfabetização e letramento, a análise documental que compõe o corpus desta pesquisa teve como fonte de investigação três livros de literatura infantil publicados pela escritora Ruth Rocha, uma vez que esta, dentre muitas outras escritoras, é reconhecida por sua grande contribuição para a literatura infantil e também por publicar títulos focados no desenvolvimento da alfabetização e letramento, explicitamente.

A partir disso, o objeto de estudo desta pesquisa buscou compreender como as obras literárias de Ruth Rocha contribuem para a aprendizagem da leitura, escrita, oralidade, escuta atenta, além do estímulo à imaginação, elementos que se mostram fundamentais durante o processo de alfabetização e letramento.

Dessa forma, os caminhos percorridos na investigação permitiram uma análise detalhada e contextualizada, identificando os saberes adquiridos por meio da contação de histórias. A seguir serão apresentados os livros utilizados como fonte de pesquisa.

### 1.3 PESQUISA DOCUMENTAL

Para fins de uma pesquisa documental, é importante mencionar que existem diferentes tipos de documentos que podem ser analisados, como destaca Gil (2008), jornais, cartas, revistas, filmes, fotografias, dentre outros inúmeros documentos, onde estes podem ser classificados como documentos de primeira mão, ou seja, quando não foram tratados analiticamente, ou de segunda mão, que são aqueles que já foram analisados, já receberam de alguma forma um tratamento analítico.

[...] há dados que, embora referentes a pessoas, são obtidos de maneira indireta, que tomam a forma de documentos, como livros, jornais, papéis oficiais, registros estatísticos, fotos, discos [...] essas fontes documentais são capazes de proporcionar ao pesquisador dados em quantidade e qualidade suficiente para evitar a perda de tempo e o constrangimento que caracterizam

muitas das pesquisas em que os dados são obtidos diretamente das pessoas” (Gil, 2008, p. 147).

Nesse viés, destacamos o objeto livro como um importante documento a ser analisado, e por isso, foram escolhidos para a análise desta pesquisa três livros de Literatura Infantil da escritora Ruth Rocha, evidenciando, portanto, uma fonte primária de coleta de dados.

O processo de seleção dessas três obras se deu por meio da associação entre a narrativa abordada no livro ao desenvolvimento das práticas de alfabetização e letramento. Dessa maneira, procuramos estabelecer questionamentos de como os livros infantis, em especial os da escritora Ruth Rocha, auxiliam no processo de alfabetização das crianças. Para isso, selecionamos as seguintes obras: “Palavras, muitas palavras” (1976), “O menino que aprendeu a ver” (1986), “Marcelo, marmelo, martelo” (1976).

A organização dos livros selecionados seguiu uma ordem de progressão, ou seja, foram organizados de maneira em que o primeiro passo fosse o reconhecimento das letras, palavras, o despertar da curiosidade, para então seguir com o desenvolvimento da compreensão, interpretação, questionamentos, reflexão; e, por último, a consolidação do letramento, uma vez que, estas são etapas cruciais para o desenvolvimento da criança e potencializadoras para o processo alfabetizador.

#### 1.4 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

Para analisar os livros selecionados para esta pesquisa, optou-se por estabelecer a técnica de análise de conteúdo, visto que com a utilização desta técnica, pôde-se interpretar os dados de maneira mais clara e objetiva.

Segundo Bardin (1977) “[...] a análise de conteúdo é um método muito empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo”, diante disso, a análise de conteúdo é uma técnica que não segue um padrão definido, sendo flexível e podendo ser adaptada quanto aos objetivos de pesquisa estabelecidos pelo pesquisador.

Bardin (1977, p. 95), ressalta ainda que existem três fases presentes na análise de conteúdo: pré-análise; exploração do material e tratamento dos dados: inferência e a interpretação. Na pré-análise, ocorre a organização e seleção dos documentos a serem analisados, levantamento de hipóteses e objetivos. Na fase de exploração, é

onde acontece a análise, codificação e categorização do material escolhido. Já no tratamento dos dados, é o momento em que os resultados são sistematizados, podendo então “propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (Bardin, 1977, p. 101).

Dessa maneira, uma das etapas principais desta técnica, é a categorização, pois, de acordo com Bardin (1977, p. 119) “a partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias”, visto que, a categorização permite melhor organização do material a ser analisado, além de trazer dados sistematizados que se aproximam com os objetivos da pesquisa.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (Bardin, 1977, p. 117).

Portanto, as categorias de pesquisa permitiram clareza e maior compreensão em relação às informações obtidas por meio da análise de conteúdo dos documentos selecionados. Sendo assim, para esta pesquisa foram definidas duas categorias:

- Ruth Rocha e sua literatura: focada no desenvolvimento de habilidades leitoras;
- Narrativas envolventes que despertam o interesse pela leitura e pelos mecanismos da alfabetização e letramento.

As categorias serão discorridas na seção III deste trabalho.

## SEÇÃO II – ENTRE HISTÓRIAS, LETRAS E SENTIDOS: CAMINHOS TEÓRICOS

Esta seção apresenta um breve contexto histórico da Literatura Infantil, evidenciando suas evoluções e transformações ao longo do tempo, como também traz as concepções acerca de alfabetização e letramento e como a contação de história atua como recurso pedagógico no ciclo alfabetizador.

### 2.1 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

A princípio, a literatura surgira com objetivos pedagógicos pautados nas relações sociais das crianças, e mais adiante, com o passar do tempo, assumiu um papel educativo aprofundando-se em gêneros literários que foram aparecendo. O fato é que a literatura é uma arte universal, seguindo o pensamento de Coelho (1980):

Literatura é arte, é um ato criador que por meio da palavra cria um universo autônomo onde os seres, as coisas, os fatos, o tempo e o espaço, assemelham-se aos que podemos reconhecer no mundo real que nos cerca, mas que ali – transformados em linguagem – assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo de ficção (Coelho, 1980, p.23).

Diante dessa dimensão, a história da literatura perpassa desde os primórdios da Antiguidade Clássica, ao qual surgiram primeiramente os gêneros literários: lírico, épico e dramático. Mais adiante, nos séculos XVII e XVIII, o que era chamada de Era Clássica, a literatura era conceituada como “a expressão da beleza e da verdade que existe na essência dos seres, das coisas e dos fatos [...] expressão que surge através do gênio do artista e a lição dos antigos, isto é, da tradição.” (Coelho, 1980, p.25).

Na literatura da Era Romântica, ocorrida entre os séculos XVIII e XIX, a ideia estava centrada na expressão dos mistérios e enigmas da existência. Já quando voltada para a Era Contemporânea, a literatura se apresenta como sendo uma literatura que reflete os dias atuais.

A partir disso, é possível entender também o surgimento do conceito de literatura infantil. Mas, para discorremos sobre o início da literatura infantil, faz-se necessário contextualizar a história da infância, visto que ambas apresentam estreita relação.

De acordo com Corsino (2015):

Infância e literatura são dois conceitos que foram sendo inventados e reinventados, variando conforme a época, o lugar, os grupos sociais e seus valores. A literatura adjetivada como infantil é produzida no seio de uma cultura que define o que é ou não literatura e também o que é ou não infantil ou próprio das/para as crianças (Corsino, 2015, p. 108).

Ainda nesse sentido, Silva (2010) salienta que até o século XVII as crianças conviviam igualmente com os adultos na sociedade, não se diferenciavam nem mesmo pelas roupas que vestiam, “não havia um mundo infantil, diferente e separado ou uma visão especial da infância, não se escrevia, portanto, para as crianças” (Silva, 2010, p. 136).

A criança, durante a idade média, era vista apenas como um adulto em miniatura, não havia preocupação quanto à aquisição do conhecimento muito menos em relação aos livros escritos, que eram destinados somente para leitores adultos. Conforme Cademartori (1986, p. 36), “a criança, na época, era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação”.

Nessa ótica, Kramer (1995) entende que:

A ideia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre, e nem da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância, é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade (Kramer, 1995, p. 19).

Neste sentido, da mesma forma que a criança não era vista com suas características únicas de infância, tampouco também não havia uma literatura destinada ao público infantil. De acordo com Silva (2009), somente a partir do século XVIII, a criança passa a ser considerada como um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, havendo então o distanciamento da vida “adulta”.

Com esse mesmo objetivo, é que surge a literatura infantil, com a proposta de adaptar narrativas originalmente destinadas aos adultos, transformando-as para o universo das crianças, preconizando levar as crianças a pensarem como os adultos e refletirem sobre diferentes assuntos que aconteciam na sociedade a fim de criar bons comportamentos e aspectos morais nas crianças (Coelho, 1991).

Conforme o pensamento de Corsino (2015, p.113) o surgimento da literatura infantil foi uma forma de “[...] injunção dos pilares que sustentaram a constituição da infância enquanto uma categoria social. Aliando-se à família nuclear e à escola, tornou-se um caminho de moralização e ensino, lugar fértil para instruir as crianças divertindo”. Ou seja, a literatura, nesse viés, se apresenta como uma importante ferramenta de ensinamento de mundo para as crianças.

Oliveira (1996) afirma que:

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico e o outro, para o desenvolvimento psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais (Oliveira, 1996, p. 27).

Em vista disso, os primeiros livros infantis surgiram no século XVII com origens europeias. Charles Perrault é o nome de um dos primeiros autores com a escrita voltada para o público infantil. Ele marca a história e o surgimento da literatura infantil concentrando-se principalmente nos contos de fadas quando recontou versões memoráveis de “A Bela Adormecida”, “Chapeuzinho Vermelho”, “A Gata Borralheira”, “O Gato de Botas”, “O Pequeno Polegar”, “Cinderela”, entre outras obras. Com isso, revelou-se narrativas fantasiosas e mágicas viáveis ao público infantil.

Faz-se necessário dizer que a origem da literatura infantil também está atrelada aos irmãos alemães Jacob e Wilhelm Grimm, popularmente conhecidos como os irmãos Grimm. No século XIX, trouxeram as narrativas de fundo popular, realizaram uma coleta de contos na Alemanha, e transformaram em literatura infantil (Cademartori, 1986). Entre as obras mais famosas, destacam-se: “Os Cisnes Selvagens”, “A Branca de Neve e os Sete Anões”, “João e Maria” e “Os Músicos de Bremen”.

Diante de grandes nomes da literatura infantil, destaca-se também o dinamarquês Hans Christian Andersen. Entre os anos de 1835 e 1872, Andersen eternizou suas obras limitando-se não somente ao reconto de contos populares como faziam Charles Perrault e os irmãos Grimm, mas inovando na escrita, criando novas histórias seguindo o modelo dos contos tradicionais, as quais destacam-se suas obras: “O Soldadinho de Chumbo”, “O Patinho Feio”, “Polegarzinha”, “A Roupa Nova do Imperador”, “A Pequena Sereia”, “A Princesa e a Ervilha” dentre tantas outras obras que fazem parte do universo infantil, alimentando a imaginação, a criatividade e dando vida a novos saberes.

Andrade (2015), nos remete a refletir que:

[...] se as sociedades mudam constantemente e as narrativas evoluem em função das sociedades, é certo que as narrativas também mudam, certo? Por isso, notamos uma transformação nas histórias, que são contadas em diferentes versões conforme o local e a época [...] (Andrade, 2015, p. 3).

Portanto, a literatura se mostra como sendo flexível e adaptável, transformando-se ao decorrer de diferentes épocas e sendo evoluída ao longo do tempo conforme as necessidades da sociedade. De acordo com o pensamento de Cademartori (1986), vale a reflexão que:

[...] a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento (Cademartori, 1986, p. 23).

Na mesma ótica, Lajolo e Zilberman (1985) pontuam que é “no horizonte social de um país que se urbanizava e modernizava, que começam a sistematizar-se os primeiros esforços para a formação de uma literatura infantil brasileira, esforços até certo ponto voluntários e conscientes” (Lajolo; Zilberman, 1985, p. 25).

Diante disso, os primeiros livros infantis começaram a ser publicados no Brasil em 1808, após a implantação da Imprensa Régia. Vale ressaltar que a princípio, tais obras eram traduções e adaptações das obras portuguesas, onde nesse cenário, destaca-se Carl Jansen (1829-1889) que adaptou clássicos como “Dom Quixote”, “Robson Crusoé”, “Viagens de Gulliver a Terras Desconhecidas”, “As Mil e Uma Noites”, entre outros.

Faz-se menção também ao brasileiro Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) no qual traduziu os contos clássicos dos irmãos Grimm, Perrault e Andersen em suas narrativas, as quais destacam-se: “Contos da Carochinha”, “Histórias da Avozinha”, “Histórias da Baratinha”.

Foi somente em 1921 que a literatura infantil brasileira tomou grandes proporções e tornou-se revolucionária. Este marco se dá por meio da escrita de Monteiro Lobato (1882-1948) com o seu livro “A Menina do Narizinho Arrebitado”. Lobato preocupou-se em desenvolver uma escrita dinâmica e fácil, uma linguagem interessante que chamasse a atenção das crianças, visto que havia uma grande necessidade de obras que pudesse fermentar o imaginário, o fantástico, o curioso.

Como afirma Coelho, “A Monteiro Lobato coube fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje...” (Coelho, 1991, p. 225).

Segundo Cademartori (1986):

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista (Cademartori, 1986, p. 51).

Para tanto, Monteiro Lobato, representava assim “toda uma soma de valores temáticos e linguísticos que renovava o conceito de Literatura Infantil no Brasil” (Arroyo, 1990, p. 198) e mais à frente, Lobato lançou várias obras que encantaram e continuam a encantar um grande número de crianças. A sua mais célebre obra “Sítio do Picapau Amarelo” cativa, ainda hoje, a infância em sua forma mais pura: com fantasia e imaginação. Através de personagens como Emília, Narizinho, Visconde de Sabugosa, Tia Anastácia, Porco Rabicó, Dona Benta, Pedrinho, Jeca Tatu – personagens que fizeram parte da infância de milhares de crianças, e que ainda nos dias atuais inspiram e são lembrados com tamanha importância.

A partir de então, a literatura infantil brasileira tomou novos rumos, sendo pensada e construída com ênfase nas necessidades infantis. Com isso, na década de 70 surgiu uma gama de novos autores criando obras para o público infantil e expandindo o mercado literário, tornando-o mais forte.

[...] entre um acontecimento e outro, fortaleceu-se uma tradição literária nova, que serviu de molde e inspiração a toda uma produção literária brasileira, incluindo a infantil, o que não apenas indica a unidade entre gêneros que a compõem como também o papel que eles exercem perante a sociedade (Lajolo, Zilberman, 1985, p. 58).

Grandes nomes como Ana Maria Machado (1941), com as obras “Camilão, o Comilão”, “História Meio ao Contrário”; Fernanda Lopes de Almeida (1927-2023), com “A Fada que Tinha Ideias”, “Soprinho”; Eliardo França (1941), com “O Rei de Quase-tudo”; entre tantos outros autores, também deixaram o seu legado na história da literatura infantil brasileira. Faz-se menção ainda a Ziraldo (1932-2024) e Pedro Bloch (1914-2004) que trouxeram o humor em suas obras ao público infantil, e também a Maurício de Sousa (1935), cartunista que trouxe a diversão das histórias em quadrinhos com a famosa Turma da Mônica.

Vale salientar ainda, no que diz respeito ao reconhecimento de grandes nomes da literatura infantil, é importante destacar a autora Ruth Rocha (1931), uma vez que esta é considerada, atualmente, uma das mais relevantes escritoras no campo da literatura infantil, quanto na literatura juvenil brasileira. Ruth Rocha apresenta ricas obras como: "Marcelo, Marmelo, Martelo", "O Reizinho Mandão", "A Menina que Aprendeu a Voar", "Palavras, Muitas Palavras", dentre uma infinidade de obras que alimentam não só o imaginário e o prazer pela leitura, como também, transmitem grandes conhecimentos.

No campo da poesia infantil, destacam-se nomes como Cecília Meireles (1901-1964), Vinícius de Moraes (1913-1980), Roseana Murray (1950), Elias José (1936-2008), Maria Dinorah (1925-2007), entre outros.

Dessa forma, a literatura infantil brasileira se mostra como diversificada, rica e abundante em gêneros, que despertam no pequeno leitor o ludismo, a fantasia, sonhos, encantamento, além de ser possível despertar também o gosto mútuo pela leitura.

Sobre o poder da literatura infantil, Cunha (1970) argumenta que:

A literatura infantil influí e quer influir em todos os aspectos da educação do aluno. Assim, nas três áreas vitais do homem (atividade, inteligência e afetividade) em que a educação deve promover mudanças de comportamento, a Literatura Infantil tem meios de atuar (Cunha, 1970, p. 34).

À vista disso, no âmbito educacional, a literatura infantil quando bem utilizada, têm a capacidade de fazer com que as crianças desenvolvam as suas habilidades cognitivas, intelectuais, de compreensão de mundo, as capacidades de emoção e sociabilidade, além disso, a literatura infantil através da contação de histórias é uma grande aliada no processo de alfabetização e letramento.

Sobre a grandiosidade da literatura infantil, Abramovich (1997) destaca que:

[...] se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... é ficar sabendo história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão de mundo) (Abramovich, 1997, p. 17).

Corroborando com essa ideia, pode-se afirmar que o trabalho com a literatura infantil e prioritariamente com as contações de histórias, ampliam o aprendizado das crianças de forma geral, oportunizando de maneira singular vivências significativas de

descobertas e divertimentos, estimulando ainda as habilidades de leitura e escrita, tornando-os seres alfabetizados e letrados.

## 2.2 AS CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A alfabetização e o letramento atuam como mecanismos fundamentais no campo educacional, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, bem como também, à compreensão e ao uso direto da linguagem nas esferas sociais.

Inicialmente, para compreendermos melhor as concepções de alfabetização e letramento, é preciso retomar ao processo do surgimento da língua escrita, em que este, se deu como uma consequência de demandas culturais e sociais, onde a escrita era utilizada como uma “tecnologia” que auxiliava as pessoas a guardarem informações que eram muitas vezes perdidas em meio a oralidade, e assim, ajudando-as a terem um registro permanente.

Assim, a escrita tornou-se mais do que um meio de registrar informações, pois, como podemos observar “ao longo do tempo, sociedades foram se tornando grafocêntricas - centradas na escrita” (Soares, 2020, p. 26). Ou seja, corroborando com Soares, entendemos que a alfabetização é um processo amplo e abrangente, onde mostra que o sujeito alfabetizado, é aquele que apresenta o domínio do código escrito, reconhece as letras do alfabeto, as sílabas e também as palavras, além de ler e escrever frases simples. Como remete a referida autora: “É preciso aprender simultaneamente a responder às demandas sociais de uso da escrita, e, para isso, aprender a tecnologia da escrita [...]” (Soares, 2020, p. 26).

Dessa maneira, se a escrita passou a ser o centro de comunicação da vida em sociedade, o processo de alfabetização também precisou percorrer por muitas fases, mudando de concepção ao longo do tempo. Conforme os autores Leal, Albuquerque e Morais (2010), este processo era realizado pelos Jesuítas por meio da catequização indígena no período de colonização brasileira, passando por diversas teorias, técnicas e métodos.

Diante disso, Mortatti (2006), em seu livro “Métodos de Alfabetização no Brasil”, evidencia como os métodos e técnicas de alfabetizar eram utilizados, reforçando como se deu a história da alfabetização no Brasil. Segundo a autora:

[...] para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da “parte” para o “todo”): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, está se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras (Mortatti, 2006, p. 33).

Partindo desse pressuposto, durante muito tempo prevaleceu a lógica da memorização e repetição como técnica de ensino, isso significa que durante o processo de alfabetização, os alunos precisavam primeiro aprender a reconhecer as letras e seus nomes, partindo para o reconhecimento dos sons e das sílabas, para que assim pudessem então formar e ler palavras, e dessa forma, era considerado alfabetizado quem conseguisse “[...] ler (decodificar) e escrever (codificar) ao final do ano letivo da alfabetização, as palavras, frases e textos presentes em tais materiais” (Leal, Albuquerque e Moraes, 2010, p. 17).

É importante destacar que após os métodos de marcha sintética, surgiram outros meios de alfabetizar, como os métodos analíticos, no qual compreendiam que o ensino da leitura deveria partir do “todo” e só depois se chegariam às partes menores, destacando processos da palavração e sentenciação. Com o passar do tempo, surgiu o chamado método misto ou eclético, que buscava integrar elementos tanto da marcha sintética como do método analítico, e com isso “fundou-se uma outra nova tradição no ensino da leitura e da escrita: a alfabetização sob medida, de que resulta o como ensinar subordinado à maturidade da criança a quem se ensina” (Mortatti, 2006, p. 38).

Na tentativa de aprimorar o processo de alfabetização nas escolas, foi quando no início da década de 1980, surgiram as abordagens construtivistas e interacionistas, focadas principalmente na criança como o centro da aprendizagem, onde ela mesma seria capaz de formular hipóteses sobre o funcionamento da língua escrita. A partir disso, a inserção do construtivismo, acabou causando uma desmetodização durante o processo alfabetizador, o que causou “certo ilusório consenso de que a aprendizagem independe do ensino” (Mortatti, 2006, p. 40), ou seja, passou-se a acreditar que não era mais necessário a utilização de metodologias de ensino para

que a criança aprendesse a ler e a escrever, pois, ela aprenderia sozinha uma vez em que estivesse exposta em meio as práticas de leitura e escrita.

Com isso, é necessário ressaltar que essas técnicas tradicionais, ensinavam apenas a codificação e a decodificação, onde limitavam o desenvolvimento de habilidades cognitivas mais amplas, tornando o processo de aprendizagem robotizado, em que o aluno apenas aprendia a ler e escrever, sem ter conhecimento nenhum do significado do que havia sido lido ou escrito.

Atualmente, entendemos que o processo de alfabetização condiz em saber ler e escrever, e para além das habilidades básicas, quando se inclui a perspectiva do letramento, o indivíduo passa a compreender os mecanismos de leitura e escrita, desfrutando de seus usos no cotidiano. Contudo, notamos que esse processo vai além da codificação e decodificação de letras e símbolos, sendo necessário utilizar da leitura e da escrita em diferentes esferas sociais, tendo em vista que, ser alfabetizado segue sendo como um privilégio em meio a sociedade que se vive, bem como também se apresenta como uma ferramenta de promover a autonomia das pessoas.

Diante da discussão sobre o processo de alfabetização, os autores Leal, Albuquerque e Morais (2010), refletem que:

A alfabetização consiste na ação de alfabetizar, de ensinar crianças, jovens e adultos a ler e escrever. Vista pela ótica do aprendiz, ela consiste no processo de ser alfabetizado, de ser ensinado a ler e escrever [...] a alfabetização é o processo de apropriação da escrita alfabética, ou seja, a compreensão por parte dos sujeitos e dos princípios que regem esse sistema notacional (Leal; Albuquerque; Morais, 2010, p. 15-18).

Vale salientar, que o processo de alfabetização ocorre de maneira lenta, contínua e gradual, pois, permite que a criança aprenda aos poucos, revelando suas habilidades ao seu ritmo, tendo em vista ainda que na alfabetização, é importante reconhecer e respeitar os avanços da criança quanto ao seu processo de aquisição da leitura e escrita.

Assim, para Leal, Albuquerque e Morais (2010), ser alfabetizado está muito além de apresentar o domínio da escrita alfabética, mas, diz respeito em estar necessariamente inserido na sociedade letrada. Com isso, novas demandas no processo de alfabetização foram surgindo, pois, segundo os autores, vivemos um “[...] momento de construção de práticas de alfabetização em uma perspectiva de letramento” (Leal, Albuquerque e Morais, 2010, p. 19).

Dessa maneira, para além de apresentar o domínio das habilidades de leitura e escrita, é necessário a inserção do indivíduo na cultura letrada, pois, não basta apenas saber ler e escrever, faz-se de tamanha importância que haja a compreensão do uso da leitura e da escrita nos meios sociais e culturais do cotidiano.

A partir disso, no ano de 1986, o sistema alfabetico começou a ser expandido para ser incluída então a dimensão do letramento. O termo letramento, embora seja considerado recente no campo educacional, se faz indispensável às discussões acerca da alfabetização, pois, para estar inserido no mundo letrado, é importante que os sujeitos desenvolvam habilidades e competências a fim de que realizem o uso dos mecanismos de leitura e escrita nas práticas do meio social, ultrapassando assim, apenas o domínio do sistema alfabetico.

Soares (2009), define o letramento como:

Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais [...] letramento é usar a escrita para se orientar no mundo (o atlas), nas ruas (os sinais de trânsito), para receber instruções, para tomar um remédio, enfim, é usar a escrita para não ficar perdido (Soares, 2009, p. 39 - 43).

Para Soares (2017), o letramento surgiu a partir da necessidade de “[...] configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabetico e ortográfico, tendo em vista a prática social da leitura e da escrita” (Soares, 2017, p. 63), ou seja, devido as exigências dos níveis de alfabetização, as práticas de letramento surgiram a partir da necessidade de realizar sem dificuldades as atividades cotidianas que exigem principalmente da leitura e da escrita, pois não basta que os indivíduos saibam apenas decodificar ou grafar algumas palavras, é preciso que tenham a compreensão e a habilidade de interpretar e produzir textos, assim como também, interagir ativamente nas práticas da língua escrita. Nesse sentido, o letramento diz respeito em dā significado para a leitura e para a escrita.

Dessa maneira, compreendemos que se faz essencial alfabetizar letrando, tendo em vista, que ambos devem estabelecer uma estreita relação no processo educacional. Ou seja, é preciso criar situações para que o educando se aproprie do código escrito, e assim, faça a sua utilização no dia a dia, compreendendo para que serve o uso da leitura e da escrita, atribuindo sentido ao processo de aprendizagem e reconhecendo-a como uma prática significativa.

Além disso, quando o aluno passa a perceber a função da escrita em práticas reais e simples do cotidiano, como ler uma bula e interpretar uma mensagem ou produzir um pequeno texto, ele atribui valor à aprendizagem, criando experiências educativas que desenvolvem ainda mais a sua criticidade, reflexão e autonomia em meio às inúmeras práticas letradas que estão presentes na sociedade atual.

Assim, para que haja uma relação mútua entre a alfabetização e o letramento, é preciso entender como ocorre o processo de cada uma dessas etapas, bem como, compreender também as suas especificidades e a maneira em que se relacionam. Para isso, Soares (2017), remete a reflexão que:

Assim, por um lado, é necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais [...] tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos. Por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e escrita, e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita (Soares, 2017, p. 64).

Concordando com a autora, vemos que mesmo apresentando conceitos próprios, ambos devem estar interligados no processo de ensino e aprendizagem, pois se configuram como portas de entrada para o mundo da leitura, da escrita, da língua falada e contextualizada. Segundo Soares, é fundamental entender a distinção entre os dois conceitos, uma vez que, o processo de letramento não pode se sobrepor ou diminuir as práticas alfabetizadoras, assim como a alfabetização não pode ser realizada de forma desconexa e descontextualizada das práticas sociais de leitura e escrita. Assim, a alfabetização na perspectiva do letramento é indissociável, pois estas práticas revelam a complexidade de se tornar capaz de saber ler e escrever e, de utilizar essas habilidades para interagir em diferentes práticas sociais e culturais.

Com base nos autores estudados, reiteramos que se faz de suma importância haver uma relação direta entre alfabetização e letramento no campo educacional. Para Leal, Albuquerque e Morais (2010, p. 29) “[...] alfabetizar letrando é uma empreitada que se faz urgente”, e, portanto, deve ser integrada como uma prática educativa que trará resultados positivos para o desenvolvimento das habilidades cognitivas de leitura e escrita.

Nessa mesma ótica, Soares (2017) declara que:

[...] alfabetizar letrando, pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita, é, sem dúvida, o caminho para a superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização (Soares, 2017, p. 68).

Portanto, incluindo a alfabetização na perspectiva do letramento, a criança além de ler e escrever, passará também a dar sentido e utilidade para a leitura e a escrita, compreendendo os diferentes tipos textuais que lhes serão apresentados, bem como, sendo capaz de utilizar a língua escrita com maior autonomia em tarefas do dia a dia, apresentando domínio independente do seu grau de dificuldade.

É válido mencionar ainda, que o processo de alfabetização e letramento deve ocorrer de maneira lúdica, seja propondo jogos, brincadeiras, atividades que envolvam a manipulação de letras e sons ou atividades que sejam de escrita criativa e espontânea, para que desperte o interesse da criança para a aprendizagem.

Dentre inúmeras possibilidades, destacamos também o uso da literatura infantil através da contação de histórias como recurso pedagógico no processo de alfabetização e letramento, uma vez que, quando a criança é apresentada e inserida ao mundo dos livros e das histórias infantis, ela poderá estar se desenvolvendo plenamente nas esferas cognitivas, sociais, culturais e emocionais, as quais contribuem significativamente no ciclo alfabetizador, refletindo diretamente na aquisição da leitura, da escrita, da imaginação, da oralidade, da ampliação de seu vocabulário, além da sua compreensão de mundo e também do ser social.

### 2.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UMA PONTE PARA A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Contar histórias é uma das mais belas artes que buscam o desenvolvimento infantil. Primeiramente, é necessário entender que a prática de contar histórias advém de uma tradição bem antiga. Antes mesmo de aprender a escrita, as pessoas utilizavam a memória para guardar lembranças e acontecimentos, ou seja, os antepassados utilizavam da contação oral como um método de preservar suas histórias, culturas e tradições.

O conto oral é uma das mais antigas formas de expressão. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando os desejos sonhados e imaginados, levando às

regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados (Patrini, 2005, p.118).

Sendo assim, por muito tempo, essa prática perdurou como um exercício familiar, no qual os membros da família contavam suas histórias e de seus antepassados, com o intuito de que estas fossem transmitidas de geração em geração. Segundo Coelho (2001, p. 12), “Se elas as escutam desde pequeninas, provavelmente gostarão de livros, vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas”. Ou seja, a criança que cresce ouvindo histórias desde pequena, tende a valorizar essa prática, tornando-a grandiosa.

Dessa maneira, percebemos que as histórias estão presentes em nossa vida desde o surgimento da oralidade. Antes mesmo de estarem em forma literária desenvolvida para o público infantil, as histórias já faziam parte do dia-a-dia das crianças de forma natural, até mesmo desde o ventre de sua mãe. Abramovich (1997) reitera que: “O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da bíblia, histórias inventadas [...]” (Abramovich, 1997, p. 16).

Assim, podemos dizer que a contação de histórias exerce um importante papel na sociedade como um todo e principalmente na formação social da criança, uma vez que, o ato de contar, bem como o de ouvir histórias, permite criar laços, socializar experiências, lidar com diferentes situações da vida cotidiana, reconhecer as suas emoções, além de auxiliar no pleno desenvolvimento cognitivo, proporcionando momentos de aprendizagem únicos e buscando ainda refletir dentro desta prática, a probabilidade de formação de futuros leitores. Nessa ótica, o Referencial Curricular para a Educação Infantil, comprehende a contação de histórias para as crianças como:

[...] um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence (Brasil, 1998, p. 143).

Entende-se assim, “Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão de mundo” (Abramovich, 1997, p. 16).

Ainda assim, Abramovich (1997), ressalta que:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar... pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (Abramovich, 1997, p. 17).

Para tanto, observa-se que a contação de histórias exerce um fundamental papel na construção de aprendizagens significativas, buscando ajudar no desenvolvimento da criança no que diz respeito à sua formação social, estimulando o seu pensamento crítico e fazendo com que a criança adentre ao mundo mágico da leitura.

A contação de histórias traz consigo a potencialidade de familiarizar a criança com a linguagem literária desde cedo. A mesma possui a capacidade de promover a socialização, aguçar o imaginário e a criatividade, estimular o gosto pela leitura e a escrita, desenvolver o raciocínio lógico e ampliar as habilidades de comunicação e expressão. Além disso, é importante destacar que a contação de histórias se apresenta ainda como uma atividade lúdica, o que torna o processo de aprendizagem mais atrativo, uma vez que, o lúdico desperta o entusiasmo e o interesse das crianças, fazendo com que elas se desenvolvam de forma integral.

É através da contação de histórias que se vivenciam momentos únicos e extraordinários, onde as crianças são inseridas em um novo mundo, estimuladas a construir a sua própria identidade, conhecendo mais de si mesma, além de aprenderem a expressar o afeto e a manifestar sentimentos, lidando melhor com as suas emoções. É por meio da literatura infantil, que elas são convidadas a explorar e descobrir o novo, a fantasia, a cultura e o encantamento que as histórias lhes oferecem.

A respeito disso, Fonseca (2012), entende que:

As histórias alimentam as brincadeiras de faz de conta das crianças, pois ampliam enredos, conflitos, personagens, cenários e desfechos. E, como num passe de mágica, as crianças viram reis, rainhas, dragões, cavaleiros, animais falantes, fadas, magos, bruxas, feiticeiros, heróis e heroínas, com escudos, coroas, porções mágicas, feitiços e poderes. Personagens que ganham vida e contexto nas brincadeiras infantis baseadas no vasto repertório do “era uma vez” (Fonseca, 2012, p. 24).

Percebe-se, assim, que ao conviver com a literatura, a criança passa a ter oportunidade de fazer com que o mundo real se torne mágico, relacionando a realidade e a imaginação, além de que, ouvir histórias está muito além de um simples

momento de distração para as crianças, mas sim, uma ferramenta valiosa para o despertar da leitura, e consequentemente para a aquisição da escrita, proporcionando ainda o estímulo à oralidade.

A prática de contar histórias é também um recurso que educa, instrui, entretém e promove a interação entre as crianças. Segundo Coelho (2001, p. 12) “[...] a história aquietá serena, rende a atenção, informa, socializa, educa.” Ou seja, se mostra como uma importante estratégia pedagógica que pode beneficiar positivamente a aprendizagem das crianças, pois, após ouvir as histórias contadas, elas têm a oportunidade de interpretar, perguntar, recontar, e isso faz com que ela avance quanto ao seu estímulo cognitivo.

Ao ouvir uma história, as crianças (e o leitor em geral) vivenciam no plano psicológico as ações, os problemas, os conflitos dessa história. Essa vivência por empréstimo, a experimentação de modelos de ações e soluções apresentadas na história fazem aumentar consideravelmente o repertório de conhecimento da criança, sobre si e sobre o mundo. E tudo isso ajuda a formar a personalidade (Sisto, 2005, p. 1).

A literatura infantil é fonte maravilhosa de experiências. As histórias levam as crianças a adentrarem em um novo universo, e é através do contador que essas experiências se tornam ainda mais significativas. É imprescindível que o professor enquanto contador de história seja um entusiasta da literatura infantil, e acima de tudo, um leitor assíduo, uma vez que, ele será o mediador que estimulará o desenvolvimento das habilidades cognitivas das crianças através das histórias contadas. Segundo Santos (2013) “Professores e contadores de histórias são guardiões da palavra e, quando se misturam, constroem, através das narrativas, um movimento de fala e escuta entre os seus interlocutores – seus alunos” (Santos, 2013, p. 118).

Portanto, o professor deve estimular a oralidade, a socialização, a espontaneidade, reconhecendo os benefícios que essa prática oferece, sendo um aliado no fortalecimento da fala, da leitura e da escrita, e assim, estabelecendo a contação de história como uma prática educativa.

É sabido dizer que as histórias, de alguma forma, promovem a ludicidade, impactam positivamente na interpretação de textos e imagens, melhora a atenção, desperta o gosto pela leitura, e para além disso, as histórias deixam marcas na personalidade da criança. Mesmo não sabendo ler, a criança pode e deve ter o interesse despertado através de uma outra pessoa que conte histórias para ela.

Embora nem todos os livros possam ser lidos pela criança, existe uma infinidade que pode ser compartilhado por meio da narração, e é neste viés, que deve ser propiciado que ela vivencie momentos de aprendizagem de forma mais prazerosa e significativa.

[...] o homem é por natureza e essência sujeito da narrativa, portanto um contador de histórias. A natureza humana mergulha na mais absurda complexidade no momento em que se banha no universo da linguagem. Daí para frente, tudo nos é escorregadio e permanentemente transformado pela palavra (Cavalcanti, 2002, p. 63).

De acordo com Sisto (2005, p. 83): “O homem já nasce praticamente contando história. Está inserido numa história que o antecede e que, com certeza, irá sucedê-lo. A vida se organiza como uma história, tem um fio condutor, uma linha temporal e evolutiva”. Corroborando com Sisto, podemos afirmar que a contação de histórias se configura também como um meio de preservar a identidade cultural do homem, e portanto, faz-se necessário desmistificar a ideia de que o ato de contar oralmente serve somente como um momento de lazer ou distração para as crianças, uma vez que, permanecendo como uma tradição antiga e evolutiva, essa prática reflete diretamente na formação da sua personalidade, ajudando-a a compreender-se como cidadã crítica e social no meio em que vive.

Conforme Abramovich (1997):

Ler histórias para as crianças, sempre, sempre (...) é suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como os personagens fizeram) é estimular para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar... Afinal, tudo pode nascer de um texto (Abramovich, 1997, p. 17-23).

É nessa perspectiva, que a contação de histórias se mostra como um recurso pedagógico positivo para o processo de alfabetização e letramento. Neste processo, observa-se que a contação de histórias tem como objetivo formar e educar, dialogando no pleno desenvolvimento cognitivo e cultural da criança, pois deve-se levar em consideração que nessa fase, as crianças que utilizam da literatura infantil apresentam uma aprendizagem com maior relevância e ampliada em conhecimentos.

De acordo com Zilberman (2010, p. 130), “O letramento literário se efetiva quando acontece o relacionamento entre um objeto material, o livro, e aquele universo ficcional, que se expressa por meio de gêneros específicos”. Ou seja, a todo momento a criança vivencia o mundo ao seu redor, e os livros servem como o despertar do seu imaginário, da sua expressividade e da sua comunicação.

“É através de uma história que podemos descobrir novos lugares, outros tempos, jeitos de agir e de ser” (Abramovich, 1997, p. 17). Dessa maneira, assim como as histórias têm o poder de proporcionar novos mundos, acredita-se também, que essa seja capaz de alfabetizar a criança inserindo-a no mundo letrado, pois, as histórias apresentam diferentes estruturas linguísticas que aproximam a criança das práticas sociais de leitura e escrita presentes em seu cotidiano.

Mesmo não sendo ainda alfabetizada, uma criança quando ouve histórias, desencadeia diversas habilidades cognitivas que estimularão mais adiante o processo de alfabetização. Abramovich (1997), nos remete que, o hábito de ouvir histórias estimula o musicar, o desenhar, o imaginar, o escrever e, portanto, o querer ouvir de novo, e essas habilidades também fazem parte do processo de alfabetização, visto que, antes da criança começar de fato a ler e escrever, é importante que primeiramente ela também desenvolva a sua imaginação, a sua criatividade e a sua atenção.

Por conseguinte, observa-se que a literatura infantil quando trabalhada por meio da contação de histórias, transforma a aprendizagem em um processo pelo qual trará apropriação da leitura à criança, transformando-se em um hábito, e consequentemente tornando o aprendizado como uma atividade natural.

Para Zilberman (2010, p. 116) “[...] a leitura transforma-se em vivência da criança, como uma habilidade que ela pode controlar e desenvolver com o transcurso do tempo”. O que fica evidente, que quando a leitura é vivida pela criança de maneira importante, ela se torna um hábito, fazendo parte do seu cotidiano. Além de que quando a criança tem o contato direto com os livros e comprehende o que está lendo, esse processo se torna ainda mais interessante e prazeroso. Vale mencionar ainda, que a literatura infantil, quando integrada ao processo de alfabetização, exerce um papel fundamental no que diz respeito quanto a motivação para aprender, já que uma das suas finalidades é aproximar a criança dos livros infantis mesmo que em diferentes contextos, como em casa ou na escola.

Diante disso, as histórias se apresentam com grande significado e relevância no que diz respeito ao desenvolvimento infantil. Contar histórias para crianças é uma prática imprescindível, pois, favorece o seu conhecimento de mundo, colabora para sua formação cognitiva, social, cultural e emocional. Abramovich (1997), comenta que a narração de histórias faz com que a criança seja levada a ouvir, refletir e raciocinar, sendo esse seu principal intuito.

De acordo com Bussatto (2006):

Contar histórias é fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos, devaneando, gateando, até chegar ao imaginário. O coração é o grande aliado da imaginação nesse processo de produção de imagens significativas. Com o coração, a gente sente vê com os olhos internos as imagens que nos faz bem (Bussatto, 2006, p. 58-59).

Na fase alfabetizadora, as crianças ficam encantadas com as histórias infantis, pois estas têm a capacidade de fazer com que elas relacionem o mundo real e o mundo imaginário, sendo capazes de fazer a sua distinção. Todavia, por meio das narrações orais, é possível que a criança amplie o seu repertório de palavras enriquecendo o seu vocabulário, potencialize a fala por meio da oralidade, desenvolva o raciocínio lógico e a capacidade de compreensão das suas habilidades sociais, além de habituar-se no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Conforme ressalta Garcia (2003, p. 10) “[...] existe um rico tesouro de histórias, que instiga a imaginação tornando a aprendizagem em ocasiões agradáveis, e que a aprendizagem adquirida no momento da contação, jamais será esquecida”.

Para contar uma história, seja qual for, é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes (...) capta-se o ritmo, a cadência do conto, fluindo uma canção... ou se brinca com a melodia dos versos, com o das rimas, com o jogo de palavras... contar histórias é uma arte... e tão linda. É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro (...) ela é o uso simples e harmônico da voz (Abramovich, 1997, p. 18).

Compreende-se, então, que a contação de histórias atua como uma excelente ferramenta para o desenvolvimento cognitivo, social, cultural e emocional da criança. Portanto, faz-se necessário enfatizar que o papel do professor alfabetizador enquanto contador de histórias é de extrema importância durante o processo de ensino e aprendizagem por meio do conto oral. É importante que o educador demonstre domínio acerca das literaturas infantis, e que, dessa maneira, utilize dessa metodologia ao seu favor, despertando o interesse das crianças e levando-as a querer aprender, não só ouvir, mas também interagir e participar.

Segundo Bamberger (2005, p. 18) “para contar histórias o professor tem o apoio de livros, fantoches e outros recursos como o timbre da voz e a entonação, e cabe a ele esticar ao máximo a curiosidade dos alunos em descobrir o que se encontra por traz do mundo mágico das histórias”.

Sendo assim, essa prática enquanto metodológica no processo de alfabetização e letramento, mostra-se de grande relevância, pois observa-se que as crianças aprendem com maior facilidade quando são propostas a elas atividades que instiguem o seu interesse e a vontade de aprender, ressaltando desse modo, o ato de contar histórias como uma eficiente maneira de desenvolver a leitura e a escrita até mesmo de uma maneira mais dinâmica.

Portanto, diante do exposto, reitera-se a importância da prática de contação de histórias como recurso pedagógico durante o processo de alfabetização e letramento, uma vez que esta, propicia as crianças momentos de descobertas, amplo desenvolvimento cognitivo, social, cultural e emocional, além de ser o primeiro passo para a construção do ser leitor.

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezas desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa) (Abramovich, 1997, p. 24).

Contudo, o ato de ouvir histórias não se trata apenas de um momento de diversão, para além disso, as histórias trazem momentos de encantamento e descobertas, ou seja, ouvir uma história é uma experiência rica para a criança.

A narrativa contada traz consigo o despertar de emoções, lembranças, curiosidades, e também tem o poder de ampliar o repertório cultural da criança. Uma boa história abre as portas para a construção do ser leitor, e seguindo o pensamento de Kaercher (2001, p. 82) “(...) somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura se proporcionar a elas, desde muito cedo, um contato frequente com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias”. Nesse contexto, podemos perceber que ao percorrer o ciclo alfabetizador, a ferramenta de contação de histórias como recurso pedagógico oferece oportunidades de aprendizagem diversificadas voltada a construção de seres críticos, reflexivos e apaixonados pela leitura.

## SEÇÃO III – RUTH ROCHA: ENCANTOS DE UMA VIDA ENTRE HISTÓRIAS<sup>1</sup> E NARRATIVAS POTENTES

*A profissão vai se construindo. Há uma grande estrada, mas a gente transita pelas veredas, abrindo as próprias picadas. A carreira de escritora que construí paralelamente, essa sim, reforça meu ego.*

*Ruth Rocha, 1995.*

Esta seção dedica um olhar sobre a vida e a literatura da escritora Ruth Rocha, sendo discutido ainda sobre as suas narrativas que além de encantarem as crianças, atuam como importante mecanismo para o processo de alfabetização e letramento.

### 3.1 RUTH ROCHA E SUA LITERATURA FOCADA NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES LEITORAS

**Figura 1-** Foto da escritora Ruth Rocha.



**Fonte:** Editora Moderna.

Ruth Machado Lousada Rocha, é uma das mais importantes e renomadas escritoras de literatura infantil brasileira. A escritora Ruth Rocha, nasceu em 02 de março de 1931, na Vila Mariana, cidade de São Paulo. É a segunda filha de Álvaro de Faria Machado, médico, e Esther de Sampaio Machado. Possui quatro irmãos: Rilda Machado Lorch, é a irmã mais velha; Eliana Ferreira, é advogada; Alexandre Machado, é jornalista; o outro irmão Álvaro Machado Filho, é médico como o pai.

A autora se apresenta como:

<sup>1</sup> Os dados biográficos, datas, prêmios e homenagens foram retirados de sites acessados em 25/08/2025:

Site oficial Ruth Rocha: <https://www.ruthrocha.com.br/>

Eu sou paulista. Nas minhas origens, baianos, mineiros, cariocas. Com muitos portugueses bem lá atrás e algum sangue bugre ou negro - quem sabe? -, que se traduz na minha cor de cuia quando apanho sol. Gosto muito de sol, de praia e de mar. De música e de livros. De cantar, dançar e rir. Gosto muito de gente. Principalmente de criança. Criança – criança, que dá risada fora de hora, que se impacienta quando gente fala demais e que grita que o rei está nu (Rocha, 1995, p. 21).

Segundo a biografia presente no site oficial da autora (2015), as primeiras referências de histórias vieram de casa, pois, era a sua mãe que lhe contava histórias e em geral, eram as anedotas da família. Ruth Rocha cresceu com seus irmãos envoltos de inúmeros gibis e livros. E foi através de seu avô Francisco Sabino Coelho, conhecido carinhosamente como “vovô Ioiô”, que Ruth Rocha ficou imersa no mundo das histórias. Ouvia os contos clássicos dos irmãos Grimm, de Hans Christian Andersen, de Charles Perrault, além de histórias nordestinas, adaptadas oralmente pelo avô baiano que era um exímio contador de histórias. Sobre os momentos com o avô, Ruth Rocha declara:

Eu fui muito influenciada pelo meu avô, uma pessoa muito interessante, que adorava contar histórias. Nordestino, ele não só contava histórias, mas também dançava e cantava, e era muito engraçado. Dele ouvi tantas histórias! Eu acredito que os escritores – principalmente os que escrevem para crianças, não saberia dizer se acontece o mesmo com aqueles que se dirigem aos adultos – têm sempre em seu passado um contador de histórias (Rocha, 2011, p. 13-14).

A escritora foi educada ouvindo histórias, e, portanto, aprendeu a ler desde muito cedo. Ruth Rocha afirma que as obras de Monteiro Lobato foram as principais portas de entrada para o mundo da literatura. Esclarece ainda que gosta do Lobato criador da Emília e não do Lobato das “Mil mortes de Urupês”.

Antes mesmo de aprender a ler, a sua mãe já havia contado todas as histórias de Monteiro Lobato para ela e os irmãos. O primeiro livro que ela leu por completo chama-se “O garimpeiro do Rio das Garças”, obra também do referido autor, o que torna visível, que a influência de Lobato esteve presente em sua vida desde pequena. Em suas próprias obras, Ruth Rocha evidencia a presença lobatiana quando por sua vez, deixa claro o interesse pelos problemas políticos e sociais, pela tendência ao humor, e também, por suas posições femininas. Segundo a escritora:

Quero falar de Monteiro Lobato. Acho que foi o escritor que mais me influenciou. Uma das características que considero mais importantes da minha obra é o humor. Não é muito comum encontrar autores bem humorados, mesmo para crianças. Na verdade, a Emília viveu dentro de mim. Também fui influenciada pelas ideias políticas de Lobato. Muitas das minhas

obras são voltadas para a política – os reizinhos todos, “Uma história de rabos presos”, “Dois idiotas sentados cada qual no seu barril”. Outro aspecto de Lobato que me impressionava muito era o feminismo dele. As figuras mais importantes das histórias eram as mulheres. Além da Emília, da Narizinho e da Dona Benta, havia Tia Nastácia, que era um deus. Foi ela quem criou a Emília e o Visconde, personagens que representavam a liberdade e o conhecimento, o resumo do pensamento de Lobato (Rocha, 2011, p. 18-19).

Ruth Rocha também expressa o seu gostar por Guimarães Rosa e pela célebre frase de Riobaldo, quando diz: “Mestre não é aquele que sempre ensina, mas aquele que de repente aprende”. Aprecia também Mario de Andrade, o qual fez menção ao seu sentimento mais secreto, nas palavras de Macunaíma: “Ai, que preguiça”, além dos autores Fernando Pessoa, Manuel Bandeira e Machado de Assis que são os seus preferidos.

Sua infância foi marcada pela incessante presença da literatura no âmbito familiar. Como já mencionado anteriormente, Ruth Rocha ouvia as histórias de Monteiro Lobato contadas pela sua mãe, e a sua preferida era “As reinações de Narizinho”. O seu pai, Álvaro Machado, também lhe contava histórias, embora fossem apenas duas: “Aladim e a lâmpada maravilhosa” e “O homem da perna amarrada”. Ruth Rocha (1995, p. 62) menciona:

Na minha casa, livro não era sagrado, ficava ao alcance de qualquer um. Mas era um objeto maravilhoso. [...] Naquele tempo, as histórias em quadrinhos eram meio malditas, consideradas influência permissiva, como a televisão atualmente. Havia o mito de que as crianças iam ficar estéreis para sempre por causa dos quadrinhos. Muitos pais proibiam, rasgavam. Mas na minha casa, criança podia tudo. Compravam-se todos os quadrinhos que saíam e a criançada do bairro vinha ler. Minha mãe dizia: “Enquanto houver uma letra escrita, compro para minhas filhas”.

Ruth Rocha cursou o primário e o ginásial, atualmente, ensino fundamental e médio, no Colégio Bandeirantes, uma instituição de ensino privada da cidade de São Paulo. Foi nesse colégio, que Ruth Rocha conquistou seus primeiros amigos e namorados, além de fazer sua primeira tentativa como escritora. A obra seria uma produção dela e de uma amiga que era sua colega de classe, porém, não obtiveram bons resultados, pois, de acordo com Ruth Rocha: “nossos esforços não podiam dar em nada. Faltavam-nos muitas coisas. Entre elas, uma essencial: leitura. Eu já tinha lido com paixão, Monteiro Lobato, mas não tinha discernimento para destacar os elementos literários do texto.” (Rocha, 1995, p. 22).

Aos 13 anos de idade, quando estava na sétima série escreveu um trabalho sobre a obra “A cidade e as Serras” de Eça de Queirós, que segundo a autora, entre

vários motivos, este também foi um fator fundamental para que se tornasse escritora. Outro momento marcante para Ruth Rocha, aconteceu nesse mesmo período, quando sua irmã mais velha a levou para conhecer a biblioteca circulante, apresentando-lhe uma grande diversidade de obras, o que segundo a autora foi um deslumbramento.

Quando entrei no depósito e vi aquela sala cheia de livros, fiquei maravilhada e decidi que tinha de ler todos eles. Pensava: “tenho que ler todos os livros que existem”. [...] E fiquei encantada com a biblioteca! Aí descobri que podia levar dois livros. [...] passei então a levar dois livros de cada vez, um de ficção e geralmente um de poesia. Foi quando comecei a ler loucamente. Aí, pronto: eu já era uma leitora (Rocha, 2011, p. 20).

Ruth Rocha graduou-se em Sociologia e Política na Universidade de São Paulo, e foi trabalhar na biblioteca do Colégio Rio Branco. Posteriormente, aos trinta anos, fez uma pós graduação em Orientação Educacional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e tornou-se Orientadora Educacional no mesmo colégio, permanecendo na profissão durante quinze anos.

Foi a partir de 1967 que Ruth Rocha iniciou sua carreira como escritora. Através da ajuda de seu amigo Carlos Alberto Fernandez, o Caloca, Ruth Rocha começou a escrever para a “Revista Cláudia”<sup>2</sup>, da Editora Abril. Durante três anos escreveu para esta revista. Nesse mesmo período, a Editora Abril estava produzindo o projeto da “Revista Recreio”<sup>3</sup>, e por acaso, Ruth Rocha compôs um artigo com a temática de alfabetização. Sônia Robato, que fazia parte do referido projeto, leu o seu artigo e logo a convidou para fazer os exercícios para a revista. Mais tarde, Sônia propôs a Ruth que ela escrevesse a sua própria história.

Aos 39 anos, nasceu a sua primeira produção para a Revista Recreio. Intitulado como “Romeu e Julieta”, a obra falava sobre o preconceito e contava sobre a história de amor entre uma borboleta amarela e um borboletazul, que não podiam viver juntos porque as cores eram diferentes. Na Revista Recreio permaneceu durante sete anos, e em parceria ainda com Sônia Robato, criou a “Revista Bloquinho”, na Editora Bloch, onde exerceu a função de diretora. De volta à Editora Abril, ela atuou como

---

<sup>2</sup> Cláudia é uma revista publicada pela Editora Abril destinada ao público feminino, em circulação desde outubro de 1961.

<sup>3</sup> A revista Recreio é um periódico semanal da Editora Abril, foi criada em 1969, com o objetivo de divertir e informar as crianças. Em suas edições traz curiosidades, quadrinhos, testes, piadas, jogos, dentre outros. Esta revista lançou autores infantojuvenis como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Sônia Robato. Ver: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Recreio\\_\(revista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Recreio_(revista)) Acessado em: 27/08/2025.

assistente de redação, e em nove meses, passou a comandar uma equipe de 42 profissionais, quando se tornou redatora chefe das revistas infantis.

Ruth Rocha publica seu primeiro livro, em 1976: “Palavras, muitas palavras”, após participar de um congresso em Florianópolis, revelando sua vocação como escritora e mudando o cenário da literatura infantil brasileira a partir de então.

Palavras, muitas palavras, seu primeiro livro, saiu em 1976. Seu estilo direto, gracioso e coloquial, altamente expressivo e muito libertador, ajudou — juntamente com o trabalho de outros autores — a mudar para sempre a cara da literatura escrita para crianças no Brasil. Agora, os pequenos leitores eram tratados com respeito e inteligência, sem lições de moral nem chatices de qualquer espécie, numa relação de igual para igual, e nunca de cima para baixo. Além disso, em plena ditadura militar, a obra de Ruth ousava respirar liberdade e encorajava o leitor a enxergar a realidade, sem abrir mão da fantasia (Site Oficial Ruth Rocha, 2015).

Como escritora, em mais de cinquenta anos dedicados à literatura infantil, Ruth Rocha publicou mais de duzentos títulos de obras e já foi traduzida para vinte e cinco idiomas. Sua obra mais famosa é “Marcelo, Marmelo, Martelo” com mais de setenta edições e vinte milhões de exemplares vendidos. A escritora também assina a tradução de uma centena de títulos infanto-juvenis, adaptou a “Ilíada e a Odisseia”, de Homero, e é co-autora de livros didáticos, como “Pessoinhas”, parceria com Anna Flora, e da coleção “O Homem e a Comunicação”, parceria com Otávio Roth. (Site Oficial Ruth Rocha, 2015).

Ruth Rocha recebeu diversos e os mais importantes prêmios destinados à literatura infantil: da Academia Brasileira de Letras, da Associação Paulista dos Críticos de Arte, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, além do prêmio Santista, da Fundação Bunge, o prêmio de Cultura da Fundação Conrad Wessel, a Comenda da Ordem do Mérito Cultural e oito prêmios Jabuti, da Câmera Brasileira de Letras.

Com base em algumas pesquisas, elencamos abaixo algumas das homenagens, prêmios e títulos importantes<sup>4</sup> recebidos pela escritora Ruth Rocha:

---

<sup>4</sup> A lista de prêmios e homenagens foram retirados de sites acessados em 25/08/2025:  
<https://www.publishnews.com.br/materias/2025/03/27/obra-de-ruth-rocha-sera-exposta-na-feira-debolonha#:~:text=Ao%20longo%20de%20sua%20trajet%C3%B3ria,do%20Pr%C3%AAmio%20Hans%20Christian%20Andersen.>

<https://www.academiapaulistadeletras.org.br/academicos.asp?temp=10&materia=37>

<https://brazilianpublishers.com.br/noticias/autores-brasileiros-ruth-rocha/>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ruth\\_Rocha#:~:text=%E2%80%9D,Homenagens%20e%20pr%C3%AAmio,Criar%20recebeu%20o%20Pr%C3%AAmio%20Jabuti.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ruth_Rocha#:~:text=%E2%80%9D,Homenagens%20e%20pr%C3%AAmio,Criar%20recebeu%20o%20Pr%C3%AAmio%20Jabuti.)

[https://www.ebiografia.com/ruth\\_rocha/](https://www.ebiografia.com/ruth_rocha/)

1976: Publicou “Marcelo, Marmelo, Martelo”, best-seller com vinte milhões de exemplares vendidos.

1978: Publicou o livro “O reizinho mandão”. Obra que fez parte da lista de honra do Prêmio Hans Christian Andersen.

1980: Recebeu o prêmio de o Jornal Auxiliar pelo livro “O rei que não sabia de nada”.

1981: Recebeu o Prêmio Ofélia Fontes concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (O melhor para a criança) por seu livro “O que os olhos não veem”. Ganhou ainda o Prêmio João de Barro, pelo livro “Davi ataca outra vez”.

1983: Nomeada diretora da União Brasileira de Escritores.

1984: Recebeu o Prêmio Abril de Jornalismo pelo livro “Alvinho e o Cachorro Venceslau”.

1989: Criação da Biblioteca Ruth Rocha, na EMPG Paulo Duarte – São Paulo.

1990: Prêmio Jabuti de Literatura Infantil pelo livro “Uma história de rabos presos”.

1992: Prêmios Monteiro Lobato, concedido pela Academia Brasileira de Letras, e Malba Tahan de melhor livro informativo, concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

1993: Prêmios Jabuti de melhor produção editorial, obra, coleção e melhor produção editorial infantil e/ou juvenil, pela coleção “O Homem e a Comunicação, em co-autoria com Otávio Roth, concedidos pela Câmara Brasileira do Livro.

1994: Publicação de um catálogo comemorativo pelo 25º aniversário de sua carreira literária no Rio Janeiro.

1998: Recebeu pelas mãos do então Presidente Fernando Henrique Cardoso, a Comenda da Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura.

2001: Foi homenageada pela Academia Brasileira de Letras com o Prêmio de Literatura Infantil 2001 pela adaptação da “Odisseia”.

2002: Prêmio Jabuti – livro “Escrever e criar”.

2006: Prêmio Fundação Conrado Wessel.

2008: Foi eleita membro da Academia Brasileira de Letras.

Aos 92 anos de idade, a escritora Ruth Rocha lançou em 2023 uma obra sobre a evolução das espécies, denominada como “O grande livro dos macacos”. A escritora comenta que esse pode ser seu último lançamento, até escrever outro se aparecer uma boa ideia. Atualmente, aos 94 anos de idade, Ruth Rocha renovou seu contrato com a Editora Salamandra<sup>5</sup>, a qual faz parte exclusivamente desde 2009, por mais 15 anos.

O grande número de prêmios e homenagens recebidos pela autora, evidencia a grandiosidade de seu trabalho no cenário da literatura infantil. Ruth Rocha é uma das mais prestigiadas escritoras do Brasil, e em suas obras remete valores, sentimentos, humor, críticas sociais, além de trazer encantamento e aprendizado. É

---

<sup>5</sup> A Editora Salamandra faz parte do Grupo Santillana, que foi fundado em 1960 na Espanha. Presente na América Latina desde 1964, apenas em 2001, a Santillana iniciou seus negócios no Brasil, ao adquirir as Editoras Moderna e Salamandra. O Grupo edita livros didáticos e de literatura infantojuvenil. Em 2009, a Salamandra adquiriu exclusividade sobre toda a obra literária de Ruth Rocha. Ver: <https://www.santillana.com.br/> Acessado em: 27/08/2025.

importante ressaltar ainda, que ela lutou pela melhoria da remuneração do escritor e pela valorização dos ilustradores, e ainda é uma grande defensora dos direitos das crianças.

Segundo o Site Oficial Ruth Rocha (2015):

Apostando todas as fichas na irreverência, na independência, na poesia e no bom humor, seus textos fazem com que as crianças questionem o mundo e a si mesmas e ensinam os adultos a ouvirem o que elas dizem ou estão tentando dizer. No fundo, o que seus livros revelam é o profundo respeito e o infinito amor de Ruth Rocha pela infância, isto é, pela vida em seu estado mais latente. Pois, como ela mesma diz num de seus belos poemas, “roda criança do mundo mora no meu coração.

Com uma vida recheada de histórias, a literatura de Ruth Rocha é encantadora, envolvente, cativante e formativa, além de instigar e assumir um papel educativo, ao transmitir ensinamentos essenciais como o respeito, a solidariedade, a amizade, a responsabilidade. Suas obras apresentam impactos significativos na construção da aprendizagem no que diz respeito a formação cognitiva da criança, contribuindo também para a sua formação crítica e social.

Dessa maneira, Ruth Rocha apresenta em suas narrativas uma linguagem leve, acessível e divertida, que desperta o interesse e a curiosidade dos pequenos, dialogando diretamente com o universo infantil, e, portanto, suas obras bem como sua história é considerada como um marco na Literatura Infantil brasileira, sendo influente com seu legado rico e significativo que encantou e continua a encantar inúmeras gerações.

### 3.2 NARRATIVAS ENVOLVENTES QUE DESPERTAM O INTERESSE PELA LEITURA E PELOS MECANISMOS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Como exposto na seção I deste trabalho referente à metodologia, analisamos três, dentre as principais obras da escritora Ruth Rocha: “O menino que aprendeu a ver”, “Palavras, muitas palavras” e “Marcelo, marmelo, martelo”.

Tendo em vista a importância de conhecer boas histórias para o desenvolvimento integral da criança quanto ao seu aspecto cognitivo, trouxemos a análise dos livros que podem contribuir significativamente para o processo de alfabetização e letramento, bem como podem atuar na formação de leitores críticos, reflexivos e apaixonados pelo mundo literário.

Seguindo uma ordem de progressão quanto ao processo de alfabetização e letramento, iniciaremos com o livro “O menino que aprendeu a ver” publicado no ano de 1986.

**Figura 2-** Capa do livro “O menino que aprendeu a ver” edição de 2013.



**Fonte:** Site oficial Ruth Rocha.

O livro traz João como o personagem principal. Ele é um garoto muito curioso, que aos poucos vai descobrindo o mundo, e sempre quer saber o que representa os desenhos sem sentido que ele encontrava nas placas, nos ônibus, em cartazes, nas ruas. Então, a mãe de João, o colocou na escola, e na medida em que ele vai aprendendo as letras que a professora ensina, ele sai na rua e reconhece as letras que havia aprendido na escola. Primeiro ele aprende a letra A, e vai reconhecendo a letra em tudo que vê, e assim acontece com as demais letras, até que todos os desenhos estranhos e sem sentido que João vê tomam forma, pois João estava sendo alfabetizado, e assim, ele aprende a reconhecer as palavras. Dessa maneira, como pontos centrais desta obra, destacamos:

- Foco no uso social da escrita, no caso no letramento;
  - Foco no código, embora a letra seja um Sistema de Escrita;
  - Valorização da escola e de seu papel intencional na alfabetização;
  - Autonomia da criança.

A obra analisada remete a ideia de o personagem principal entender que o mundo é cheio de significados, ou seja, há uma percepção aprofundada em relação ao olhar do garoto para o mundo ao seu redor a partir do momento em que ele entra

na escola, pois ele aprende a reconhecer as letras e consequentemente passa a ler palavras e pequenos textos que ele ver pela sua casa ou pela rua. Como mostra no trecho abaixo:

Quando João chegou em casa foi logo falar com o pai:

— Papai, o que está acontecendo? Cada vez que vou para a escola pintam nas placas, nos livros, nos pacotes, nas paredes, as letras que estou aprendendo (Rocha, 1986, p. 15).

Com isso, percebe-se que a narrativa traz de forma gradual a construção de uma aprendizagem significativa, uma vez que, quando o personagem João começa a “ver” e consegue decodificar as palavras, ele tem o entendimento de que esse olhar é para além de algo simples, mas sim, diz respeito em compreender as informações contidas no cotidiano e no mundo que o cerca. De acordo com Coelho (2000), a literatura infantil é decisiva para a formação social da criança em relação a si mesma e com o mundo à sua volta, assim, esta obra, além de contar a história de um garoto muito curioso, ela está associada à formação de uma consciência mais atenta em relação ao mundo e, esta interação está ligada principalmente ao processo de letramento.

Segundo Cademartori (1986, p. 57) “a criança vê o mundo e usa a língua antes de lê-la e escrevê-la”, com isso, é importante destacar que a narrativa aborda com muita propriedade a questão das descobertas, fator indispensável para o processo de alfabetização e letramento, pois assim como João, quando a criança aprende a ler, ela percebe que a leitura do mundo também está associada ao sentir, imaginar, interpretar e construir sentidos.

Abaixo mais um trecho do livro:

No dia seguinte, cedo, João foi para o colégio.

Quando chegaram na esquina a mãe do João falou:

— Preciso prestar atenção que é para não perder o ônibus...

— Pode deixar que eu presto, mãe. Pode deixar, que eu já sei ver [...] (Rocha, 1986, p. 19).

O trecho acima retrata o ápice do processo de alfabetização e letramento, pois quando João diz que já sabe ver, isso se configura como o ponto máximo de sua descoberta: a aquisição da leitura e da escrita, que ultrapassa apenas o reconhecimento de letras e sons, mas, que demonstra a compreensão e a interpretação de mundo em sua totalidade, o que remete também à conquista da

autonomia e da confiança da criança em se comunicar e interagir na sociedade, além de fazer novas descobertas com as palavras, textos e a linguagem no geral.

Em seguida, o segundo livro analisado foi “Palavras, muitas palavras”, o primeiro livro publicado da escritora Ruth Rocha no ano de 1976.

**Figura 3-** Capa do livro “Palavras, muitas palavras” edição de 2013.



**Fonte:** Site oficial Ruth Rocha.

Na obra “Palavras, muitas palavras”, Ruth Rocha fez um livro todo em formato de cartilha<sup>6</sup>, cada página representa uma letra do alfabeto com várias palavras que iniciam com a mesma letra, e as ilustrações, seguem esse mesmo padrão, ou seja, é ilustrado em cada página animais e objetos que iniciam com a letra em destaque. De uma forma bem lúdica e convidativa, o alfabeto é apresentado às crianças. As letras são coloridas e bem destacadas o que chama a atenção do leitor. Como pontos principais desta obra, destacamos:

- Identificação de letras do alfabeto;
- Valorização das palavras escritas com o mesmo som;
- Ampliação do vocabulário;
- Rimas e ritmo.

<sup>6</sup> As cartilhas de alfabetização são livros didáticos básicos, originalmente usados para ensinar a ler e escrever a partir de um método que combinava letras, sílabas e imagens. Elas foram historicamente muito populares para ensinar o alfabeto e a leitura de maneira sequencial e repetitiva, muitas vezes associando a imagem de um objeto ao som da sua primeira letra, atualmente este método não é mais adequado para alfabetizar.

Analizando os pontos centrais desta obra, percebe-se que a narrativa se destaca por ser um convite direto para a criança adentrar ao mundo da linguagem, pois, a escritora não se limita ao listar as letras e as palavras, transformando cada página em poesia, com sonoridade e ritmo, o que contribui diretamente para o despertar da consciência alfabética e fonológica, como mostra o trecho abaixo:

Um macaco tão maluco mete medo no matuto.  
Um macaco tão matreiro mete medo no mineiro.  
Um macaco tão manhoso mete medo no medroso... (Rocha, 1976, p. 24).

Com isso, a criança não só tem o entendimento da letra, mas também experimenta o primeiro contato com o seu som, destacado através de aliterações e rimas, que permitem que a criança perceba que várias palavras podem começar com o mesmo som, e assim, sendo capaz de fazer a conexão entre grafema e fonema, pois, seguindo com o pensamento de Cademartori (1986, p. 49), “a manipulação lúdica dos sons da língua pela criança, fruição do sonoro independentemente do significado, constitui parte fundamental do desenvolvimento linguístico.”

Em uma matéria publicada no Jornal do Brasil<sup>7</sup> em 25/04/1976, Ana Maria Machado<sup>8</sup> caracteriza a obra “Palavras, muitas palavras” como um dicionário infantil em estado de poesia. Ana Maria Machado comenta ainda que Ruth Rocha trouxe nesta obra inovações de palavras ao inserir palavras brasileiras como xavante, xerém e xará, e afirma também, que a obra é poesia e encantamento para as crianças.

Segundo Cademartori (1986):

[...] o papel importante que o ludismo exerce, no estímulo à expressão verbal, ocorre, seja no momento em que se brinca com a livre união dos fonemas, seja quando se considera o efeito de dois significados considerados simultaneamente, alterando-se partes das palavras para conseguir novos efeitos ou, ainda, em jogos mais elaborados com a formação e a transformação das palavras (Cademartori, 1986, p. 50).

A partir disso, por meio da ludicidade, esta narrativa contribui para a ampliação do vocabulário ao apresentar uma infinidade de palavras por letra e estimular para que a criança explore outros termos que comecem com a letra apresentada,

---

<sup>7</sup> O jornal do Brasil é um tradicional jornal brasileiro editado na cidade do Rio de Janeiro, fundado em 1891 pelo jornalista Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas. Ver matéria em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&hf=memoria.bn.gov.br&pagfi s=71927](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&hf=memoria.bn.gov.br&pagfi s=71927) Acessado em 30/09/2025.

<sup>8</sup> Ana Maria Machado (1941) é uma escritora e jornalista brasileira. Autora de livros infantis, foi a primeira escritora desse gênero a fazer parte da Academia Brasileira de Letras.

construindo novas palavras com significado, pois como enfatiza Coelho (2000, p. 222), “as palavras são signos que expressam emoções, sensações, ideias... através de imagens e de sonoridade”. É importante mencionar também que nesta obra, a escritora Ruth Rocha se preocupou ainda em fazer com que o processo de aquisição da leitura não seja chato e mecânico, instigando para que a criança goste de ler e tenha prazer na aprendizagem.

A última análise se debruça sobre a obra “Marcelo, marmelo, martelo”, best-seller da escritora, também publicado em 1976.

**Figura 4-** Capa do livro “Marcelo, marmelo, martelo” edição de 2011.



**Fonte:** Site oficial Ruth Rocha.

A obra conta a história de um menino curioso e inteligente chamado Marcelo. Ele é um garoto que vive fazendo perguntas o tempo todo sobre absolutamente tudo, principalmente sobre o nome das coisas, pois para ele, os nomes dados aos objetos ao seu redor não fazem nenhum sentido. Marcelo quer saber por que se chama Marcelo e não marmelo ou martelo, e sempre questiona aos seus pais porquê cada objeto tem um determinado nome e não pode ser diferente, pois para ele, as coisas devem ter um nome mais apropriado, como por exemplo, cadeira deve se chamar “sentador” e travesseiro deve se chamar “cabeceiro”.

E assim, Marcelo cria nomes mais apropriados para as coisas ao seu redor, e seus pais não entendem de onde vem isso. Certo dia, a casinha do cachorro que Marcelo chama de “moradeira” pega fogo, e ele com a mania de dar nomes novos às coisas, tenta explicar ao seu pai o que estava acontecendo, mas o pai do garoto não entende o que ele quer dizer. Quando finalmente entende, a casa já estava destruída, então, Marcelo muito triste, fala que gente grande não entende nada. A história termina com os pais de Marcelo se esforçando para entender a nova língua do filho. Com isso, como pontos principais desta obra, destacamos:

- A reflexão sobre a linguagem;
- Relação entre significado e significante (signo);
- Curiosidade, criatividade e criticidade.

A obra analisada, remete a importância do questionamento e da criatividade da criança, pois o personagem principal, ao observar o mundo ao seu redor começa a questionar os nomes e os significados das palavras, adotando uma nova linguagem de acordo com a sua concepção de mundo, sendo este, um ponto crucial no processo de alfabetização e letramento, uma vez que, a criança estará desenvolvendo sua linguagem de forma espontânea.

Com a criação de suas próprias palavras, Marcelo dá ênfase a uma aprendizagem ativa, “atraindo o pequeno leitor para o processo de descoberta do mundo” (Coelho, 2000, p. 128), ou seja, essa narrativa desenvolve ainda a reflexão crítica dos pequenos, levando-os a fazerem a construção do próprio pensamento, atribuindo sentido às suas vivências e favorecendo o entendimento sobre o uso social da língua, ponto este, essencial do letramento. Como remete no trecho da história:

E Marcelo continuou pensando:

"Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E bala? Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim" (Rocha, 1976, p. 13).

É possível perceber com esse trecho, que Marcelo tem um olhar curioso e questionador em relação as palavras e aos seus significados, ele busca entender a lógica da linguagem procurando um sentido entre o nome e a função de determinada coisa. Diante dessa dimensão, a obra analisada revela a construção de uma consciência linguística, onde o personagem percebe que a língua é construída por

meio de convenções sociais e culturais, e como ressalta Coelho (2000), essa percepção da construção da língua é fundamental para que as crianças,

[...] consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que elas estão descobrindo dia a dia e onde elas precisam aprender a se situar com segurança, para nele poder agir (Coelho, 2000, p. 51).

Assim, a criança aprende a organizar seus pensamentos e a interpretar o mundo que a cerca, contribuindo significativamente para o desenvolvimento completo do seu aspecto cognitivo. Vejamos mais um trecho do livro analisado:

Logo de manhã, Marcelo começou a falar sua nova língua:

- Mamãe, quer me passar o mexedor?
- Mexedor? Que é isso?
- Mexedorzinho, de mexer café.
- Ah... colherinha, você quer dizer.
- Papai, me dá o suco de vaca?
- Que é isso, menino?
- Suco de vaca, ora! Que está no suco-da-vaqueira.
- Isso é leite, Marcelo. Quem é que entende este menino? (Rocha, 1976, p. 14).

O trecho destacado ressalta a reinvenção das palavras feita pelo personagem principal como uma maneira de reorganizar a linguagem a partir da sua concepção de mundo, e com isso, vemos que Marcelo não só brinca com a troca de palavras, mas também, comprehende a função comunicativa da língua. Esse comportamento reflete diretamente no processo de alfabetização e letramento, pois de acordo com Cademartori (1986, p. 51), para a criança, “é atividade prazerosa descobrir as possibilidades combinatórias das unidades linguísticas e, ao mesmo tempo, perceber em que medida funciona a sujeição às regras que ela está, igualmente, descobrindo”.

Como enfatizam as autoras Lajolo e Zilberman (1985):

Marcelo, marmelo, martelo (1976), de Ruth Rocha, é outro livro que mergulha seus leitores na aventura da linguagem. Tematiza a arbitrariedade do signo linguístico, vivenciada comicamente pelo protagonista, um menino entretido em explorar a elasticidade sonora e semântica das palavras. Ao chamar seu cachorro de Latildo, travesseiro de orelheiro e pegar fogo de embrasar-se, Marcelo vive, através de suas experiências linguísticas, a aventura de nomear e significar. Na medida em que os novos nomes que ele atribui às coisas fazem-no viver situações problemáticas, a história incorpora a ambiguidade do compromisso entre, de um lado, os usos sociais da linguagem e, de outro, os limites que tal uso impõe às interferências do falante no sistema linguístico (Lajolo; Zilberman, 1985, p. 154).

Sendo assim, destacamos que a obra “Marcelo, marmelo, martelo” pode representar um potente recurso pedagógico no processo de alfabetização e letramento, pois, ao mesmo tempo em que desperta a curiosidade e a imaginação infantil, a narrativa também traz para a criança a consciência de que aquisição da leitura e da escrita está associada com a compreensão e com o significado que é atribuído às palavras.

Contudo, Ruth Rocha traz em suas narrativas ricas potencialidades para o desenvolvimento integral da criança. Ao analisar estas três obras, ficou evidente que a escritora se preocupa em trazer para além de histórias divertidas, meios de despertar a reflexão, o questionamento e a criticidade da criança. A escritora mostra com suas narrativas que aprender a ler ou escrever é um processo que pode ser leve, dinâmico e cheio de possibilidades.

Em “Palavras, muitas palavras”, Ruth Rocha apresenta as letras do alfabeto de maneira lúdica e envolvente, mostrando como as palavras contribuem para a expressão e o pensamento humano. Já em “Marcelo, marmelo, martelo” e “O menino que aprendeu a ver”, a escritora traz a linguagem como centralidade, a aprendizagem do significado das letras e das palavras para uma visão mais concreta de mundo.

Como salienta Silva (2009) as narrativas de Ruth Rocha se baseiam em dois fundamentos:

Em primeiro lugar, na linguagem utilizada, que é solta, coloquial, desprovida de artificialismos, muito próxima a do leitor, estabelecendo, por isso mesmo, um clima de cumplicidade entre narrador e ouvinte. Em segundo lugar, no olhar crítico com que a autora analisa e descreve situações e personagens, convidando o leitor, a ele mesmo também, analisar, criticar, julgar os fatos, numa postura mudancista, que rejeita estabelecido e aposta no novo (Silva, 2009, p. 184).

Corroborando com a autora, salientamos que a Literatura de Ruth Rocha tem grande proximidade com o mundo infantil, e esse é o segredo do grande sucesso de suas obras entre as crianças. As três obras aqui destacadas como narrativas potentes para o processo de alfabetização e letramento, atuam como um convite para a curiosidade, criatividade, imaginação, reflexão, além de instigar a descoberta da linguagem como um mecanismo essencial para a comunicação em sociedade.

Outro aspecto importante que faz com que essas narrativas dialoguem diretamente com o processo de alfabetização e letramento, é a maneira com que a escritora evidencia que a aprendizagem das palavras está também vinculada com aprender a ler o mundo, o que nos remete à reflexão de Freire (1989, p. 13), “a leitura

do mundo precede a leitura da palavra", e dentro das narrativas analisadas, percebeu-se que Ruth Rocha traz personagens pensantes e questionadores acerca do conhecimento, como vimos com os personagens Marcelo e João, ambos possuem a capacidade de entender que as palavras possuem sentido e significado, e assim, são inseridos no mundo letrado através de suas percepções, interpretações e pela compreensão de que a língua é uma prática social.

Portanto, as narrativas da escritora Ruth Rocha são um importante recurso pedagógico para o processo de aprendizagem, uma vez que, inserem as crianças no mundo letrado, estimulam a sua criatividade e imaginação, ampliam o seu vocabulário, além de que com a sua linguagem fácil, leve e divertida, as narrativas da escritora também aproximam os pequenos para o despertar do gosto pela leitura, cativando-os a tornarem-se seres críticos e reflexivos capazes de pensar e se expressar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos evidenciar a importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento amplo da criança. É fato que as crianças adoram ouvir muitas e muitas histórias, e com isso, a Literatura Infantil configura-se como um potente recurso pedagógico para aprendizagens relacionadas a alfabetização e ao letramento.

Destacamos como grande influência, as narrativas da consagrada escritora Ruth Rocha, como sendo o objeto de pesquisa para alcançar os resultados desejados no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento.

A partir do primeiro objetivo estabelecido: conhecer a história da Literatura Infantil e sua relação nos processos de alfabetização e letramento, foi possível perceber que a Literatura Infantil atua como uma possibilidade para que as crianças desenvolvam habilidades e competências de leitura e escrita, além de contribuir para a formação de seres críticos e reflexivos.

O segundo objetivo trata-se sobre: identificar como a contação de histórias atuam no desenvolvimento cognitivo, social, cultural e emocional da criança, e diante das análises realizadas, constatamos que a contação de histórias é de grande relevância para o desenvolvimento da criança de forma completa, isso porque as histórias têm o poder de transmitir emoções, conhecimentos, valores, descobertas, além de ser um importante meio de interação social.

É importante ressaltar, que por meio da contação de histórias, as crianças apresentam maior prazer na aprendizagem, uma vez em que é despertado o seu interesse. Frente a isso, a contação de histórias também é uma maneira eficaz de fazer com que a criança se aproxime com a linguagem literária desde cedo, inserindo-a no mundo da leitura e desenvolvendo habilidades de escrita, sendo assim, uma metodologia essencial para o processo de alfabetização e letramento.

Contemplando o último objetivo sobre: analisar o potencial de obras da escritora Ruth Rocha no processo de alfabetização e letramento, concluímos que as suas narrativas contribuem significativamente para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, além de promover a ampliação do vocabulário da criança e também trazer uma escrita próxima do mundo infantil dialogando diretamente com as experiências e vivências da criança, tornando-a protagonista de seu processo de aprendizagem.

Ao analisar as três obras de Ruth Rocha: “O menino que aprendeu a ver”, “Palavras, muitas palavras” e “Marcelo, marmelo, martelo”, percebe-se a utilização de uma linguagem clara, fácil e dinâmica que facilita a compreensão e que despertam a curiosidade, trabalhando na construção do senso crítico e do prazer pela leitura, elementos fundamentais para a formação de leitores competentes e reflexivos. Ademais, na análise destas obras de Ruth Rocha, comprehende-se a importância da Literatura Infantil como um mecanismo para a alfabetização e o letramento, evidenciando que o aprendizado da leitura e da escrita pode ocorrer de maneira lúdica e prazerosa, não precisando ser um processo mecânico.

Assim, concluímos que o processo de alfabetização e letramento é rico de possibilidades quando vinculado ao meio das narrativas infantis. Com as obras maravilhosas da escritora Ruth Rocha, além de adentrar ao mundo mágico da leitura, a criança também comprehende o uso da língua como uma prática social, atingindo ao ápice do seu processo de aquisição da leitura e da escrita.

É valido mencionar que durante a realização desta pesquisa, dificuldades e desafios se fizeram presentes ao decorrer do processo. A principal dificuldade encontrada esteve relacionada ao próprio processo de escrita, que por vezes se mostrou difícil e angustiante. Em relação à pesquisa em si, o desafio esteve em trazer discussões com uma base sólida e bem fundamentada, que dialogassem com os livros selecionados. Além disso, os estudos sobre alfabetização e letramento também se mostraram como um desafio, pois, requereu um olhar mais sensível para compreender toda a história e os processos de alfabetização ao longo do tempo. Essas dificuldades foram superadas com persistência, leituras contínuas, a vontade de querer fazer um trabalho bem feito e também com as orientações valiosas recebidas durante o decorrer deste estudo que contribuiu grandemente para o amadurecimento do trabalho bem como da pesquisadora.

Com isso, este trabalho buscou contribuir para as discussões sobre o papel da Literatura Infantil no processo de alfabetização e letramento a partir das obras de Ruth Rocha, trazendo reflexões sobre a valorização das histórias infantis como prática social, transformadora e formadora de crianças mais críticas e apaixonadas pelo mundo literário, evidenciando assim, o desejo por continuar pesquisando e aprofundando os estudos sobre a relação entre a Literatura Infantil e as práticas de alfabetização e letramento.

Por fim, esta pesquisa contribuiu de maneira enriquecedora para a minha formação enquanto futura pedagoga, pois, possibilitou um olhar ainda mais consciente sobre a importância da valorização do papel da Literatura Infantil na formação de seres leitores e pensantes. Além disso, a pesquisa também aproximou os laços com o processo de alfabetização e letramento, permitindo a plena compreensão de que o trabalho docente vai muito além de ensinar a ler e escrever, mas também diz respeito em formar sujeitos críticos, reflexivos e ativos na construção de saberes.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ANDRADE, Gênes (org.). **Literatura Infantil**. São Paulo: Pearson, 2015.
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo, Atlas, 2009.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- BARDIN, Laurence. **Análise De Conteúdo**. Título original: L' Analyse de Contenu. Presses Universitaires de France. 1977. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edições 70, Lda. 2002. Lisboa – Portugal.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 2005.
- BUSSATO, Cléo. **Arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. v. 1. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.
- COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2001.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem**: a obra literária e a expressão linguística. 3. ed. São Paulo: Quiron, 1980. 389 p.
- \_\_\_\_\_. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORSINO, Patrícia. **Infância e Literatura**: entre conceitos, palavras e imagens. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 16, n. 41, p. 108–123, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24516>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Luciana de Oliveira Rocha – 2. Ed – Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **O acesso à leitura no Brasil**: os recados dos retratos da leitura. In: Failla, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2, p. 83-91.

FONSECA, Edi. **Interações**: com olhos de ler. São Paulo: Blucher, 2012.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GARCIA, Walkiria et al. **Baú do professor**. Belo Horizonte: Fapi, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KAERCHER, Gládis Elise. **E por falar em Literatura**. In: CRAIDY, Carmem.; KAERCHER, Gládis Elise. **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira**: história e história. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; MORAIS, Arthur Gomes. **Alfabetizar letrando na EJA**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MORTATTI, Maria do Rosário. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Portal Mec. Seminário Alfabetização e Letramento em debate, Brasília, 2006.

OLIVEIRA, Maria Alexandre. **Leitura prazer**: interação participativa da criança com a literatura infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 1996.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

ROCHA, Ruth. Ruth Rocha por ela mesma. In: BASTOS, Dau (org.). **Ana & Ruth**: 25 anos de Literatura. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

ROCHA, Ruth. Academia Paulistana de Letras, 2008. Disponível em: <https://www.academiapaulistadeletras.org.br/academicos.asp?materia=37>. Acesso em: 25 ago. 2025.

\_\_\_\_\_. O leitor e sua relação com o livro. In: MACHADO, Ana Maria; ROCHA, Ruth. **Contando histórias, formando leitores**. Campinas: Papirus, 2011.

\_\_\_\_\_. **O menino que aprendeu a ver**. São Paulo: Salamandra, 1986.

\_\_\_\_\_. **Palavras, muitas palavras**. São Paulo: Salamandra, 1976.

\_\_\_\_\_. **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias**. São Paulo: Salamandra, 1976.

ROGÉRIO, Cristiane. **Entrevista: Ruth Rocha aos 90 anos**. Crescer, 2022.

Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Entretenimento/noticia/2021/03/entrevista-ruth-rocha-aos-90-anos.html>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SANTOS, Luciene Souza. **A Emília que mora em cada um de nós**: a constituição do professor contador de histórias. 2013. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2013.

SERRANO, Layane. **Ruth Rocha faz 90 anos: 'Ler é enxergar o mundo com outros olhos'**. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/ruth-rocha-faz-90-anos-ler-e-enxergar-o-mundo-com-outros-olhos>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SILVA, Aline Luiza da. **Trajetória da Literatura Infantil**: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM - ISSN 1984-7866**, [S.I.], v. 2, n. 2, june 2010. ISSN 1984-7866. Disponível em: <<https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234>>. Acesso em: 21 ago. 2025.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura Infantil Brasileira**: um guia para professores e promotores de leitura. 2. ed. Goiânia: Cânone Editorial, 2009.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2. Ed. Curitiba: Positivo, 2005.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

\_\_\_\_\_. **Letramento, um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura e o ensino da literatura**. Curitiba: Ipex, 2010.